

Ariano Suassuna



A história do amor de
Fernando e Isaura

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ariano Suassuna

A história do amor de
Fernando e Isaura

10ª EDIÇÃO

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

Rio de Janeiro, 2013

© Ariano Suassuna, 1994

Reservam-se os direitos desta edição à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Tel.: 2585-2060
Produced in Brazil / Produzido no Brasil

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br
Tel.: (21) 2585-2002

ISBN 9788503012195

Capa: ISABELLA PERROTTA / HYBRIS DESIGN
Ilustração: ZÉLIA SUASSUNA

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Suassuna, Ariano, 1927-
S933h A história do amor de Fernando e Isaura [recurso eletrônico] / Ariano Suassuna; [ilustrações Zélia Suassuna]. – 1. ed.
– Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
recurso digital : il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788503012195 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

13-01990

“O mui namorado Tristan sey bem que non amou Iseu quant’eu vos amo.”

DOM DINIS

“A maior pena que eu tenho, punhal de prata, não é de me ver morrendo, mas de saber quem me mata.”

CECÍLIA MEIRELES

A história do amor de Fernando e Isaura
é dedicada a

CLÍVIA E MANOEL DANTAS VILAR FILHO
ELIANE E CARLOS ALBERTO DE BUARQUE BORGES
DEBORAH E FRANCISCO BRENNAND
ANA E JOSÉ LAURÊNIO DE MELO
CÉLIA E RAIMUNDO CARRERO
ANDREA E LUIZ CLÁUDIO ARRAES
SILVIA E CARLOS NEWTON JÚNIOR

- 1927, 16 de junho — Nascimento de Ariano Villar Suassuna, na cidade de Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa, capital do estado da Paraíba, filho de João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Villar. Ariano Suassuna é o oitavo filho de uma família de nove.
- 1928 — A família Suassuna, tendo seu chefe, João Suassuna, deixado o governo da Paraíba, volta a seu lugar de origem, o sertão. Estada na fazenda Acauhan, pertencente a João Suassuna.
- 1929 — Declara-se a luta política que antecedeu a Revolução de 1930. Um dos chefes sertanejos que apoiam João Suassuna é José Pereira Lima, da Vila de Princesa Isabel.
- 1930 — A luta política torna-se luta armada, na Paraíba. O município de Princesa Isabel, sob o comando de José Pereira Lima, declara-se “independente”, sob o nome de “Território Livre de Princesa”, com hino, constituição, jornal, bandeira, exército e tudo.
- 1930, 3/4 de outubro — Rebenta, na Paraíba, a Revolução de 1930.
- 1930, 9 de outubro — João Suassuna é assassinado no Rio, como consequência das divisões e lutas políticas da Paraíba.
- 1931 — A família Suassuna continua nas fazendas Acauhan e Saco, situadas no alto sertão paraibano. Aí passam, também, 1932, ano de terrível seca, no qual se perde quase todo o gado deixado por João Suassuna. Primeiras caçadas de Ariano Suassuna, sob o comando de seu tio materno, Alfredo Dantas Villar, e de seu irmão, João Suassuna Filho.
- 1933 — Os Suassunas, agora chefiados por Dona Rita Villar Suassuna, mudam-se para Taperoá, no sertão seco, alto, áspero e pedregoso dos Cariris Velhos da Paraíba do Norte.
- 1934, 36, 36, 37 — Ariano Suassuna estuda as primeiras letras, em Taperoá, com os professores Emídio Diniz e Alice Dias. Caçadas e expedições nas fazendas São Pedro, Saco, Panati e Malhada da Onça. Suassuna ouve, pela primeira vez em sua vida, um desafio de viola, pelos cantadores Antônio Marinho e Antônio Marinheiro. Vê, também pela primeira vez, uma peça de mamulengo — o teatro nordestino de títeres — numa feira, em Taperoá. Dona Rita Suassuna, em dificuldades, vê-se obrigada a vender a fazenda Acauhan para educar os filhos.
- 1938/1942 — Durante os anos de 1938 a 1941, seus primeiros mestres de Literatura são seus tios, Manuel Dantas Villar — meio ateu, republicano e anticlerical — e Joaquim Duarte Dantas — monarquista e católico. Leituras de Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro e Euclides da Cunha — recomendados pelo primeiro — e de Antero de Figueiredo (“Dom Sebastião”), recomendado pelo segundo. Leitura de *Doidinho*, de José Lins do Rego,

- adquirido em Campina Grande por seu tio, Antônio Dantas Villar. Em 1942, a família Suassuna muda-se para o Recife, onde os mais velhos já estão estudando e se fixando.
- 1943 — Aluno do Ginásio Pernambucano (Colégio Estadual de Pernambuco), torna-se amigo de Carlos Alberto de Buarque Borges, que exerce grande influência em sua formação, iniciando-o na música erudita e na pintura, que os dois veem e estudam nos álbuns de reproduções da biblioteca do Ginásio.
- 1945 — No Colégio Oswaldo Cruz, torna-se amigo do pintor Francisco Brennand, seu colega de turma. Publicação de seu primeiro poema, por intermédio de Tadeu Rocha e Esmaragdo Marroquim.
- 1946 — Entra para a Faculdade de Direito. Aí encontra um grupo de escritores, atores, poetas, pintores, romancistas e pessoas interessadas em arte e literatura. Principais componentes do grupo: Hermilo Borba Filho, José Laurênio de Melo, Capiba, Galba Pragana, Joel Pontes, Ivan Neves Pedrosa, Aloísio Magalhães, Genivaldo Wanderley, Heraldo Pessoa Souto Maior, José de Moraes Pinho, Fernando José da Rocha Cavalcanti, Gastão de Holanda, Ana e Rachel Canen, Epitácio Gadelha, José Guimarães Sobrinho etc. Esse grupo, principalmente através de Hermilo Borba Filho e de José Laurênio de Melo, tem profunda influência na formação de Suassuna. Com ele, sob a liderança de Hermilo Borba Filho, funda-se o Teatro do Estudante de Pernambuco.
- 1946, 47, 48 — Publicação, na revista *Estudantes*, da Faculdade de Direito, no jornal do Diretório Acadêmico de Medicina e em suplementos de jornais do Recife, dos seus primeiros poemas ligados ao Romanceiro popular do Nordeste: “Galope à beira-mar”, “A morte do touro Mão-de-Pau”, e “Os Guabirabas”.
- 1947 — Baseando-se no romanceiro popular nordestino, escreve sua primeira peça de teatro, *Uma mulher vestida de sol*, e ganha com ela, no ano seguinte, o Prêmio Nicolau Carlos Magno.
- 1948 — Sob inspiração do trabalho de García Lorca, começa a fazer teatro ambulante. *O Desertor de princesa*, primeira peça em um ato de Suassuna, escrita em sua primeira versão sob o título de *Cantam as harpas de Sião*, é montada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, na “Barraca”, no Parque Treze de Maio, no Recife, juntamente com *Haja pau*, de José de Moraes Pinho, e canções de Capiba.
- 1949 — Escreve *Os homens de barro*, peça em três atos.
- 1950 — Escreve *Auto de João da Cruz*, peça inspirada em três folhetos da literatura de Cordel. Recebe o Prêmio Martins Pena. Forma-se em Direito, pela Faculdade de Direito da atual Universidade Federal de Pernambuco. Vai para Taperoá para se tratar de uma doença no pulmão.
- 1951 — Em Taperoá, para receber sua noiva e familiares que o iam visitar, escreve uma peça para mamulengos, *Torturas de um coração, ou, em boca fechada não entra mosquito*, peça que ele mesmo monta, acompanhando de músicas tocadas pelo terno de pífanos de Seu Manuel Campina.

- 1952 — De volta ao Recife, procura seu amigo pessoal, o grande jurista e professor Murilo Guimarães a fim de trabalhar em seu escritório como advogado. Escreve a peça, *O arco desolado*, menção honrosa no Concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo.
- 1953 — Escreve *O castigo da soberba*, entremês popular em um ato, baseado num folheto da literatura de cordel.
- 1954 — Escreve *O Rico avarento*, entremês popular em um ato, baseado numa peça popular tradicional, de mamulengo.
- 1955 — Escreve a peça *Auto da compadecida*.
- 1956 — Escreve o romance *A história do amor de Fernando e Isaura*. Deixa a advocacia, torna-se professor de Estética da Universidade Federal de Pernambuco, e escreve, para seus alunos, *Manual de estética*, que é publicado em edição mimeografada pelo diretório da Faculdade de Filosofia.
- 1956 — Passa a dirigir o setor de cultura do Serviço Social da Indústria — Departamento Regional de Pernambuco — ficando no cargo até 1960.
- 1957 — 19 de janeiro — No dia do aniversário de seu pai, casa com Dona Zélia de Andrade Lima, da família de Barros Lima, o “Leão Coroado” da Revolução de 1817, companheiro de Frei Caneca. O casal tem seis filhos — Joaquim, Maria, Manuel, Isabel, Mariana e Ana. *O casamento suspeito*, peça montada em São Paulo pela Companhia Sérgio Cardoso, recebe o Prêmio Vânia Souto de Carvalho. A peça *O santo e a porca* recebe a medalha de ouro da Associação Paulista de Críticos Teatrais.
- 1958 — Escreve *O homem da vaca e o poder da fortuna*, entremês popular baseado num folheto, numa peça de mamulengo e num conto oral da literatura popular nordestina.
- 1958 — O *Auto da compadecida* recebe a medalha de ouro da Associação Paulista de Críticos Teatrais. Ariano Suassuna é considerado o Melhor Autor Nacional de Comédia pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Nesse mesmo ano, recebe o Prêmio Vânia Souto Carvalho e o Prêmio Samuel conferidos pela Associação de Cronistas Teatrais de Pernambuco.
- 1959 — Escreve *A pena e a lei*, peça em três atos a partir do entremês para mamulengos de 1951, *Torturas de um coração*. Com Hermilo Borba Filho funda o Teatro Popular do Nordeste, que monta a peça. Pelo segundo ano consecutivo, recebe os prêmios Vânia Souto Carvalho e Samuel conferidos pela Associação de Cronistas Teatrais de Pernambuco. A revista polonesa *Dialog*, Rok IV, Pazdziernik nr. 10.942, publica a tradução do *Auto da compadecida*, por Witold Wojciechowski e Danuta Zmif, com o título *Historia o Milosiernej Czyli Testament Psa*.
- 1960 — Escreve *Farsa da boa preguiça*, peça em três atos, escrita a partir de *O homem da vaca e o poder da fortuna*. Forma-se em Filosofia, pela Universidade Católica de Pernambuco.
- 1961 — O Teatro Popular do Nordeste monta a *Farsa da boa preguiça*.
- 1962 — Escreve *A caseira e a Catarina*, peça em um ato, montada pelo Teatro Popular do

Nordeste.

- 1963 — A University of California Press publica a tradução de Dillwyn Ratcliff, *The Rogues' Trial*, versão em inglês do *Auto da compadecida*.
- 1964 — Publica pela editora da Universidade Federal de Pernambuco, as peças *Uma mulher vestida de sol* e *O santo e a porca*. Sai a tradução holandesa do *Auto da compadecida*, com o título de *Het Testament van der Honde*, por J. J. Van Den Besselaar, Ons Leekenspel, Bussum.
- 1966 — A peça *O santo e a porca* é publicada na Argentina pelas Editions Losange, tradução de Monserrat Mira, com o título *El Santo y la Chancha*.
- 1967 — Torna-se membro fundador do Conselho Federal de Cultura, do qual faz parte de 1967 a 1973.
- 1968 — Torna-se membro fundador do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, do qual faz parte de 1968 a 1973.
- 1969 — É nomeado, pelo reitor Murilo Guimarães, diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, cargo que ocupa de 1969 a 1974. Nessa qualidade, convoca Capiba, Guerra Peixe, Cussy de Almeida, Jarbas Maciel e Clóvis Pereira para juntos procurarem uma música erudita nordestina, a música “armorial”, baseada em raízes populares e que viesse se juntar a seu teatro, à pintura de Francisco Brennand, à gravura de Gilvan Samico, à poesia de Janice Japiassu, Deborah Brennand, Ângelo Monteiro e Marcus Accioly, ao romance de Maximiano Campos etc. Nesse ano, a peça *A pena e a lei* é premiada no Festival Latino-americano de Teatro em Santiago, Chile.
- 1970, 18 de outubro — Com o concerto *Três séculos de música nordestina — do Barroco ao Armorial*, e com uma exposição de gravura, pintura e escultura, lança-se, no Recife, o Movimento Armorial. É publicada na França a tradução do *Auto da compadecida*, por Michel-Simon-Brésil, com o título *Le Jeu de la Misericordieuse ou le Testament du Chien*, pela Gallimard, Paris.
- 1971 — Publica o *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, pela editora José Olympio, obra que vinha escrevendo desde 1958 e classificado por ele de “romance armorial brasileiro”. Nesse mesmo ano é publicada a tradução alemã do *Auto da compadecida* (que recebeu o nome de *Das Testament des Hundes oder Das Spiel von Unserer Liben Frau der Mitleidvollen*), de Willy Keller, pela Verlag Volk und Welt, Berlim.
- 1973 — Recebe o Prêmio de Ficção conferido pelo Ministério de Educação e Cultura ao *Romance d'A Pedra do Reino*.
- 1974 — Publica a *Farsa da boa preguiça* e *Seleta em Prosa e versos*, contendo poemas, teatro, contos e ensaio, pela Editora José Olympio; e no Recife, pela Editora Guariba, publica *Ferros do Cariri, uma heráldica sertaneja*. Também é publicado *O movimento Armorial* pela Editora Universitária, Recife. Nesse mesmo ano é defendida na Sorbonne por Idelette Muzart sua tese de mestrado tendo a obra de Ariano Suassuna como tema: *Le*

Roman de Chévalerie et son Interprétation par um Escritor Brasileiro Contemporâneo: A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna.

- 1975 — É nomeado secretário de Educação e Cultura do Recife, cargo que exerce até 1978. Pela Editora Universidade da UFPE publica *Iniciação à estética*. Outra tese de mestrado é defendida tendo a obra de Ariano Suassuna como tema: *A intertextualidade das formas simples (aplicada ao Romance d'A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna)*, de Elizabeth Marinheiro, PUC-RS.
- 1979 — É publicada a tradução alemã do *Romance d'A Pedra do reino, Der Stein des Reiches*, por Georg Rudolf Lind, pela Elett Verlag, Stuttgart. Nesse mesmo ano, Ray-Güde Mertin, da Universidade de Colônia, defende sua tese: *Ariano Suassuna: Romance d'A Pedra do Reino — Zur Vera Beitung Von Volks — und Hochliteratur im Zitat*.
- 1981 — Maria Odília Leal McBride defende sua tese de mestrado: *A multiplicidade estrutural em A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna*, na University of Texas. Também é publicada a tese de Idelette Fonseca dos Santos: *Littérature Populaire et Savante au Brésil — Ariano Suassuna et le Mouvement Armorial*, Sorbonne, Paris.
- 1987 — Depois de 30 anos, deixa de ensinar História da Cultura Brasileira, no mestrado da UFPE, aposentando-se.
- 1988 — Leciona como professor de Filosofia da Cultura no CFCH.
- 1989 — Aposenta-se da UFPE depois de ter ensinado por 32 anos Teoria do Teatro, Estética e Literatura Brasileira na Escola Bela-Artes, atual Centro de Artes e Comunicação da UFPE.
- 1990 — Eleito membro da Academia Brasileira de Letras.
- 1992 — Eleito membro da Academia Pernambucana de Letras.
- 1994 — Adaptação para a TV da peça *Uma mulher vestida de sol*. Maria Tereza Didier de Moraes, apresenta a tese *Emblemas da sagração Armorial*, na PUC-SP, e Cláudia Leitão *Pour une Ethique de L'Esthétique: Ebauche d'une Étique Armoriale de l'Homme du Sertão Brésilien*, na Sorbonne, Paris. O romance *Fernando e Isaura*, é publicado pelas Edições Bagaço, no Recife.
- 1995 — É nomeado secretário de Cultura do estado de Pernambuco pelo governador Miguel Arraes. *A Farsa da boa preguiça* é adaptada para a TV.
- 1998 — Encena dois espetáculos armoriais de dança: *A demanda do Graal* dançado, com coreografia de Paula Costa Rego, e *Pernambuco do Barroco ao Armorial*, coreografia de Heloísa Duque. Publicação do livro de poemas *O pasto incendiado*, pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco.
- 1999 — *O Auto da compadecida* é adaptado para a televisão.
- 2000 — Eleito para a Academia Paraibana de Letras. *O santo e a porca* é adaptada para a televisão. Ariano recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Estreia no cinema *O Auto da Compadecida*. Eleito para a Academia Paraibana de Letras. Na oportunidade, a União Editora lança a plaquete *Ariano*

Suassuna, escrita pelo jornalista José Nunes para a série histórica *Paraíba, Nomes do Século*.

- 2001 — O Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba concede-lhe título de Doutor Honoris Causa.
- 2002 — No carnaval do Rio de Janeiro, Ariano Suassuna é homenageado pela Escola de Samba Império Serrano, que desfila, na Marquês de Sapucaí, com o tema *Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra do Reino, Ariano Suassuna*. O jornal *A União*, da Paraíba, lança caderno especial em comemoração aos seus 75 anos. Ariano recebe o Prêmio Nacional Jorge Amado de Literatura e Arte, concedido neste ano pela primeira vez, pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia.
- 2003 — É lançado oficialmente, na sede da Academia Brasileira de Letras, o filme *O Sertão mundo de Suassuna*, do cineasta Douglas Machado.
- 2005 — O jornal *O Povo*, do Ceará, lança caderno especial sobre o escritor, antecipando as comemorações dos seus 60 anos de vida literária, completados a 7 de outubro.
- 2006 — Recebe, da Câmara Municipal de São Paulo, o título de Cidadão Paulistano. O *Romance d'A Pedra do Reino* é adaptado para o teatro, em São Paulo. A UFPE lança o “Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros”.
- 2007 — Ariano é novamente nomeado Secretário Especial de Cultura do governo do estado de Pernambuco. Ariano e Zélia Suassuna comemoram suas Bodas de Ouro. É lançado, no Recife, o projeto de Ariano para a cultura do estado de Pernambuco, sob o título “A Onça Malhada, a Favela e o Arraial”. Recebe, em Salvador, o título de Cidadão Baiano. Em comemoração de seus 80 anos, a Rede Globo exhibe a microssérie *A Pedra do Reino*.

Em 1956, eu já começava a sonhar com aquele que, depois, seria o Romance d'A Pedra do Reino. Estava um pouco intimidado pelo sonho e pelo impulso que o determinara. E como, até ali, somente escrevera poesia e teatro, resolvi, antes de tentá-lo, avaliar e exercitar, numa história curta, as forças de que dispunha para a empresa.

Ao mesmo tempo, meu amigo Francisco Brennand sugeria que eu escrevesse uma versão brasileira do Romance de Tristão e Isolda, história que há muito tempo ele desejava ilustrar.

Foi, então, daí que surgiu, naquele ano, A história do amor de Fernando e Isaura. Sou um escritor de poucos livros e de poucos leitores. Vivo extraviado em meu tempo por acreditar em valores que a maioria julga ultrapassados. Entre esses, o amor, a honra e a beleza que ilumina os difíceis caminhos da retidão, da superioridade moral, da elevação, da delicadeza, e não da vulgaridade dos sentimentos.

Não sei, portanto, que interesse haverá, principalmente para a juventude, numa história tão fora de moda quanto esta. Os conflitos que, por causa da paixão, atormentam, aqui, os personagens, provavelmente não serão nem sequer entendidos pela geração formada por educadores que procuram fechar os olhos até para a realidade monstruosa do crime, contanto que não sejam forçados a admitir a verdade de qualquer norma moral.

Por outro lado, tenho ainda, o infortúnio de escrever movido pela paixão e pela compaixão, atitude também deslocada neste tempo de autores frios, lúcidos e impiedosos.

Lembro, então, aos eventuais leitores desta história que, narrada em 1956, sua ação decorre em ano ainda mais recuado. Por isso, encarem com indulgência os arcaicos escrúpulos de seus personagens, perdoando remorsos e hesitações que, menos do que a eles, pertencem ao coautor contemporâneo desta história tão antiga.

Recife, 7 de outubro de 1994

ARIANO SUASSUNA



São Joaquim

Na fazenda São Joaquim, a terra era rica e fecunda, muito bem servida pelas chuvas por causa da proximidade do Mar. Estendia-se ela entre Penedo e Piassabussu, por uma vasta região, coberta de coqueiros na faixa da praia e na foz do Rio São Francisco; de lavouras diversas por trás da estrada que bordejava o mar; e, mais para dentro ainda, de pastagens que cobriam colinas e para onde se levava o gado. Porque o dono, Marcos Fonseca, era muito rico e possuía duas frotas de Barcaças. A primeira fazia cabotagem pelo Mar até Maceió. A segunda entrava pelo São Francisco adentro para levar mercadorias e trazer couros de Cabra que recebia em Piranhas e transportava para o Litoral, de onde eram exportados.

No Inverno, o Mar ficava cinzento sob o céu cor de chumbo. Chovia continuamente e, nas noites de temporal, parecia que as ondas iam invadir a casa, quebrando-se contra a muralha de areia da praia. A terra reservada à lavoura ficava ensopada, transformando-se em verdadeiras lagoas quadradas que os leirões dividiam, dando ao mesmo tempo, passagem para a Mata. Rebanhos de patos bravos, em migração, estabeleciam curto pouso naquelas águas cercadas pela vegetação. As árvores ficavam inteiramente molhadas e de suas folhas caíam grandes pingos sonolentos. Nas colinas, o gado arrepiava o pelo e enfeava com o frio ao qual estava desabitado.

Fernando, sobrinho de Marcos, não amava o Inverno, com sua chuva interminável. Cuidava do gado do tio e havia grande aumento de trabalho durante esse tempo, pois o lugar não era muito sadio para o pastoreio — má condição que o Inverno agravava, com o leite da

propriedade tendo que ser entregue em Penedo com a mesma regularidade dos dias comuns.

Mesmo, porém, sem se levar em conta este fato, ele preferia o Verão, quando os Cajueiros começavam a frutificar com seus pomos amarelos ou vermelhos. Então, do largo terraço da casa de Marcos, avistava-se o Mar que reluzia ao Sol como uma pedra preciosa, por entre os troncos e folhagens dos coqueiros. Na praia, a areia fina e ardente era de uma alvura que feria a vista. As Barcaças da frota de Marcos partiam pelo Mar, em direção ao Norte, demandando Maceió, aonde iam deixar os cocos da colheita de Verão. E todos os frutos do tempo ofereciam suas cores ao Sol, por entre as folhas renovadas, como se as árvores tivessem ensandecido com o calor e iniciado, de repente, uma competição para ver qual delas criaria a forma mais estranha, diferente e bela.

Fernando ficava muitas vezes olhando as Barcaças, em atitude sonhadora. Mas não gostava de trabalhar nelas e o tio respeitava suas preferências. Moravam os dois muito sós, na grande casa de paredes conventuais que pertencia, há mais de três séculos, à família de Marcos: o rapaz era órfão e pobre e o tio enviudara cedo, sem filhos; por isso, afeiçoara-se ao sobrinho que viera para sua companhia ainda menino, após a morte de sua irmã, Riva. De sua parte, Fernando era grato ao tio — um homem relativamente moço, de natureza aberta e clara a contrastar com a personalidade mais ardente e escura do sobrinho.

Trabalhavam, na propriedade, como dois mouros, e pouco conversavam sobre assunto que não fosse esse trabalho. Mesmo assim, Fernando soubera, por Marcos, que o tio ajustara casamento com uma mulher bastante mais moça do que ele. A moça morava em São Miguel dos Campos, porto de passagem e de pouso das Barcaças em suas viagens para Maceió. Marcos, porém, pouco falara a Fernando sobre ela, dada a reserva em que se mantinha o relacionamento deles. A única coisa sabida como certa por Fernando era que a moça se chamava Isaura e que Marcos casaria com ela no início do Verão que se aproximava, indo para São Miguel pelo Mar, numa bela Barcaça, e voltando para São Joaquim, já casado, em companhia da mulher.



Uma Revelação

Mas, se Fernando não conhecia Isaura, esta o conhecia perfeitamente, sem que soubesse, porém, seu nome e ignorando, também, seu parentesco com Marcos.

Três anos antes, Fernando fora vender uma boiada em Anadia, bem conhecida por ter uma boa feira de animais. De volta, resolvera pernoitar em São Miguel. Na noite em que chegou aí, tendo-se separado dos vaqueiros que o tinham acompanhado na viagem, foi encontrá-los envolvidos numa rixa, por causa de um rapaz que se agregara ao grupo momentos antes. Em defesa desse rapaz, Fernando enfrentou um dos agressores e foi ferido a faca, na coxa.

O rapaz era irmão colação de Isaura e escondeu o ferido na casa de uma mulher que, como ele, fora cria da família: a briga causara certo escândalo e o agressor de Fernando também fora ferido, pelo que, de um lado e de outro, estavam todos interessados em ocultar a luta, pelo menos até que Fernando partisse, no dia seguinte.

Entretanto, o ferimento veio a inflamar-se e ele não viajou. Agravando-se seu estado, o rapaz, preocupado, apelou para Isaura, pedindo-lhe segredo. A moça foi até a casa da mulher e lá encontrou Fernando meio inconsciente delirando. Durante dois dias, ela tratou do ferido, somente deixando sua cabeceira quando a febre começou a baixar.

Os pais de Isaura nada souberam. No terceiro dia, Fernando recuperou a consciência e, com mais um de descanso, reencetou a viagem de volta para São Joaquim. Não tomara conhecimento da existência de Isaura. E o irmão de leite dela, notando o fato, nada lhe contou sobre a moça, porque Fernando, afinal de contas, não passava de um estranho.

Isaura, porém, ficara profundamente marcada pelo que acontecera. Tentou saber como se chamava e onde morava seu doente, mas o irmão, único elo entre os dois, nada sabia. Discretamente, ela ainda tentou, várias vezes, obter informações e só depois de mais de um ano de buscas perdeu a esperança de reencontrá-lo.

Foi aí que Marcos, tendo ido a São Miguel a negócio, conheceu a moça numa festa e apaixonou-se por ela. Cortejou-a, timidamente, durante muito tempo, encorajado pelos pais de Isaura, ansiosos por “casar bem” sua única filha.

Isaura relutou e resistiu muito, a princípio, mas terminou cedendo. O noivado tornou-se definitivo no Inverno e a depressão causada pelos dias chuvosos do mês de junho talvez não tenha sido alheia à sua decisão.

Se ela tivesse obtido algum êxito na busca de Fernando, é certo que não teria noivado. Mas também é verdade que ela, de algum modo, não queria ficar solteira naquele lugar onde os homens a temiam por sua beleza e por seu temperamento situados acima das dimensões comuns.

De uma forma ou de outra, o certo é que noivara e que iria se casar no começo do Verão.



Uma Conversa Penosa

Entretanto, passou o mês de dezembro sem que Marcos voltasse a falar no casamento. As marrecas e patos bravos que tinham migrado para o Sertão voltavam agora, acolhendo-se — desta vez por mais tempo — aos lugares em que ainda havia água. O milharal apontava, e, dentro de três ou quatro meses, Marcos poderia presentear os amigos com as espigas douradas, que ele lhes enviava todos os anos em grandes sacos de estopa, deixando para cima, à guisa de adorno, as belas cabeleiras cor de mel e ouro. A safra de Cajus acabara e as mangas derradeiras do Verão — verdes, amarelas, cor de púrpura — anunciavam o tempo de transição que se aproximava. Passou o Advento, passou o Natal e veio a Quaresma, que foi cedo naquele ano.

Aí, na Sexta-feira da Semana Santa, Marcos foi procurar Fernando no lugar em que o sobrinho trabalhava. Eram dez horas da manhã e o rapaz atrasara-se um pouco no serviço, pois fora assistir aos ofícios divinos na igreja de Piassabussu. Naquele momento, cuidava de levar as vacas já ordenhadas para o riacho que cruzava a pastagem.

O dia estava quente e esplendoroso, era um sobrevivente do Verão, de céu puro e brilhante. Deixando o caminho por onde viera, Marcos aproximou-se de maneira a interceptar o caminho de Fernando. Este, com uma vara na mão, tentava apressar o gado para recuperar o tempo perdido, quando avistou o tio. Entregou a vara ao rapaz que o acompanhava e foi a seu encontro. Marcos, porém, fez-lhe um sinal para continuar caminho e, pondo-se a seu lado, começou a ajudá-lo.

Em pouco, chegavam ao Riacho, cercado de pés de Pau d'Arco e de Acácias ainda floridas. Enxames de insetos zumbiam em torno das árvores cujos galhos, sem folhas, estavam, no entanto, pejados de flores. O gado dessedentava-se, vadeando sem dificuldade a água rasa e clara, e os dois homens sentaram-se à sombra, para conversar.

— Fernando, vou precisar de você, de hoje para segunda-feira! — disse Marcos. — A Páscoa vai começar e eu devo me casar no Domingo, fiz essa promessa a Nossa Senhora! — ajuntou ele sem olhar o sobrinho diretamente porque suas palavras eram um tanto obscuras e ele não queria explicá-las com maior clareza.

A verdade é que, desde que vira Isaura, seu desejo mais ardente era possuí-la, de modo que, precisando oferecer um voto à Virgem, não encontrara coisa melhor do que o adiamento daquilo que mais desejava. Essa fora a razão de não ter se efetuado o casamento, marcado antes para dezembro: o dono de São Joaquim obtivera tudo o que pedira à Mãe de Deus e, por isso, jurara a ela só casar no primeiro dia da Páscoa, Domingo da Ressurreição, que naquele ano caía a 25 de março, dia da Anunciação do Anjo a Nossa Senhora.

Ao se aproximar o dia, porém, surgiram negócios de grande importância que exigiam sua presença em São Joaquim. Tratava-se da venda de uma enorme partida de cocos para uma Fábrica de óleo do Recife, transação que viria compensar os prejuízos da safra anterior e deixar Marcos despreocupado durante o resto do ano.

Ouvindo isso, Fernando encarou o tio e perguntou:

— Você vai mandar trazer Isaura para casar-se aqui?

— Pensei nisso! — respondeu Marcos. — Mas os pais dela se opõem à sua vinda para cá antes de ser realizado o casamento. Fui então procurar o Padre José, em Piassabussu: achava que não haveria mal em adiar mais uma vez o casamento. Mas o Padre sugeriu que eu mandasse, a São Miguel, uma pessoa de confiança que se casasse em meu lugar.

— Em seu lugar? Como?

— Assino uns papéis que o Padre me dá e a pessoa, que recebe a procuração, casa por mim. O casamento vale do mesmo jeito e, assim, a promessa é paga no dia, sem que eu saia daqui. A meu pedido, Padre José escreveu a Isaura contando tudo. A princípio, ela não quis aceitar. Os pais dela também estranharam. Mas, levaram a carta ao Padre de lá e ele disse que tudo isso não é nenhuma novidade. Disse que eu mandasse a pessoa, que ele ia fazer o casamento e se responsabilizar para que tudo ficasse como a Igreja manda. Aí, os três se conformaram e é você quem vai no meu lugar. Eu só confio em você, para isso! — rematou Marcos.

Não havia lugar para qualquer hesitação por parte de Fernando. No entanto, lá bem dentro de seu coração, uma voz obscura insinuava que ele devia resistir à escolha e à ordem do tio. Era-lhe impossível, porém, rebater argumentos tão razoáveis sob pretexto de vagos pressentimentos. Depois de beber, o gado pastava, tranquilo, e Marcos retirou-se, ficando combinado que Fernando partiria na madrugada seguinte, com o que chegaria a São Miguel dos Campos ao entardecer. O casamento seria no Domingo, e, na segunda-feira, ele estaria de

volta, trazendo Isaura para a casa do marido.



A Viagem

No outro dia, ainda escuro, a *Estrela da Manhã* partiu para São Miguel, conduzindo Fernando. A Barcaça — que recebera este nome em homenagem à Virgem — fora construída expressamente para tal fim e era muito maior e mais confortável que todas as outras da frota de Marcos. Estas, aliás, tinham outra singularidade: chegavam a Piranhas muitas pessoas de Alto São Francisco e, por elas, Marcos tivera notícias das Carrancas que ali adornam as proas dos barcos. Mandara, então, um empregado seu comprar grande quantidade de tais esculturas talhadas em madeira: de modo que agora todas as suas Barcaças ostentavam essas belas e estranhas figuras rostrais.

O Mestre que comandava a *Estrela da Manhã* chamava-se Serafim e fora contratado, com seus marinheiros, num porto de Sergipe. Por isso, de todos os tripulantes da Barcaça, somente Fernando conhecia o motivo da viagem. Marcos, discreto por natureza, não queria que se espalhasse a história: sendo o casamento realizado em condições tão especiais, ele só queria que os outros soubessem dele depois de tudo consumado.

O Sol nasceu, com os viajantes já bem distanciados de São Joaquim. Com suas velas vermelhas e amarelas enfunadas, a *Estrela da Manhã* fazia realmente boa figura. Tudo estava escrupulosamente limpo e bem cuidado, e Fernando sentiu-se bem, ali. Causava-lhe prazer o espetáculo das velas contra o céu azul, do Sol da manhã que aflorava mansamente as ondas e do suave marulho das águas quebrando-se, em seu ritmo eterno, contra a proa da Barcaça.

A viagem encetava-se, pois, com ótimo tempo. Entretanto, na medida em que o Sol subia,

começou a fazer calor e pesadas nuvens foram se acumulando ao longe. Mestre Serafim olhou-as, preocupado, e disse a Fernando:

— O vento sopra em nossa direção. Aquelas nuvens estarão aqui dentro de pouco tempo. Vamos ter temporal.

Estavam mais ou menos a meio caminho de São Miguel e Fernando perguntou:

— Existe algum perigo?

— Acho que não, talvez! — respondeu Mestre Serafim, afastando-se para tomar suas providências.

Fernando deixou-se estar junto à amurada, olhando o Mar. Perguntara se havia perigo somente com receio de que a viagem de ida sofresse algum transtorno sério. Não sentia medo. Olhava era o contraste maravilhoso entre o lugar em que estavam, ainda dourado pelos raios do Sol, e as pesadas nuvens cor de chumbo que se aproximavam vagarosamente, carregadas de relâmpagos. Enquanto isso, seu peito e seu sangue cantavam com estranha exultação.

Nesse momento, o Mestre, que voltava, apontou para longe. Seguindo a direção indicada por ele, Fernando avistou um rebanho de pássaros marinhos, voando quase à flor das ondas e que vinham em linha apontada para a Barcaça, a grande velocidade.

O rapaz esperou com alegria sua chegada; e elas corresponderam a seu anseio, desviando-se somente quando estavam tão próximas que ele ouviu o ruflar das asas, guinando bruscamente para a popa e desaparecendo aí. Quase imediatamente, ouviu-se o primeiro trovejar do temporal que se aproximava.

As nuvens começaram a se juntar, caminhando em direção ao Barco como se fossem um outro rebanho de grandes e pesados pássaros do Mar; e o rapaz, avistando já a chuva que parecia emendar o céu nas águas, viu que a suposta lentidão com que as nuvens caminhavam era apenas uma ilusão causada pela distância. Mas não espantava que ele se tivesse iludido: o próprio Mestre Serafim, apesar de toda a sua experiência, também se enganara. Tanto assim que falou, preocupado:

— É maior e vem mais depressa do que eu pensava. Mas talvez nos pegue somente de lado.

Mal acabara de falar, os primeiros pingos da chuva caíram e uma ventania feroz começou a soprar. Fernando ouviu os mastros rangerem e a *Estrela da Manhã* mergulhou na tempestade. O mundo escureceu de repente e a chuva começou a encharcar o corpo do rapaz. Então, como se fosse também o silvar de um pássaro marinho ou uma das vozes do temporal, soou o apito do Mestre e, logo após, um grande brado:

— Arreia! Arreia a vela grande!

Relampejava. Raios cortavam o céu escuro e grandes vagas começaram a abalar a Barcaça. Alguém passou correndo e gritou para Fernando uma frase que ele não entendeu. Uma onda maior varreu o convés e derrubou-o: a frase devia ter sido um aviso do perigo e uma recomendação para que se recolhesse. Mas por nada deste mundo ele o fazia agora. Parecia-lhe que, desde que deixara São Joaquim, vivia num outro mundo, povoado de

novidades e não era outra a causa de sua exultação. Erguendo-se da queda, molhado dos pés à cabeça, ouviu novos apitos e viu, confusamente, que a bujarrona e as outras velas menores estavam sendo arriadas. Os trovões faziam um ruído ensurdecedor. E, a certa altura, os relâmpagos clarearam tanto que Fernando viu que a Barcaça deslizava por entre colunas que ligavam o Céu e o Mar. Era a primeira vez que ele via tantas trombas d'água juntas. Era como se estivessem navegando dentro de um enorme templo inundado, uma enorme caverna de estalactites que o Mar invadira e cuja abóbada era sustentada por gigantescos pilares, formados pelo Ridimunho das trombas aspirantes.

Mestre Serafim passou por perto do rapaz e gritou-lhe:

— Estamos saindo! Pegamos somente a parte de fora do temporal!

Na verdade, a chuva amainava. Mas, na escuridão ainda reinante, agora que o ruído dos trovões se afastava, Fernando começou a ouvir, com intervalos mais ou menos regulares, um barulho que lhe pareceu estranho, ameaçador mesmo. Começava com um sussurro; depois aumentava como uma metralha crescente; e, de súbito, explodia como se fosse o estalo de um imenso chicote.

— Que barulho é este? — perguntou ele.

— São as bombas de vento, olhe para ali! — indicou o Mestre; e, olhando para o local indicado, Fernando avistou uma espécie de outro Ridimunho com que o vento, espumando como um cavalo selvagem, chicoteava a superfície do Mar.

A *Estrela da Manhã* vogava ao sabor das águas, mas o perigo maior passara. O céu clareava cada vez mais e renascia a esperança de navegarem novamente em paz.

Aí, porém, Fernando ouviu um ruído maior, que vinha pelo costado oposto àquele perto do qual se encontravam. Voltando-se rapidamente, avistou uma enorme bomba de vento que se dirigia para a Barcaça, ameaçadora e perigosa como derradeiro estertor da tempestade. Ouviu-se uma espécie de explosão por cima de suas cabeças. A Barcaça oscilou e o rapaz, dando um salto e empurrando Mestre Serafim, conseguiu, a tempo, salvar-lhe a vida, pois o mastro-grande se partira e vinha caindo sobre sua cabeça.

Ao se recobrem da turvação, estavam cercados pelos marinheiros que sorriam alegremente, apontando para longe. Olharam o Mar: a tempestade afastava-se para o sul e, na direção norte em que seguiam, o Sol dourava novamente as águas apaziguadas. A costa não estava longe e o Mestre chamou a atenção de Fernando para um casario branco que se podia avistar dali: era um Povoado entre São Joaquim e São Miguel.

Içaram-se as velas pequenas, uma vez que o grande-mastro se quebrara e a grande ficara imprestável. Mas, com alguma inclinação e levados pelo vento agora bonançoso, puderam rumar a Barcaça para o Povoado onde iriam reparar os estragos.



O Encontro

A população do Povoado, que avistara a Estrela da Manhã ao sair, desarvorada, da tempestade, acorreu à praia para vê-la. As águas em que ela boiava agora tornavam-se cada vez mais rasas e claras. Fernando entrou no seu camarote, enxugou-se e trocou de roupa.

Quando voltou ao convés, a Barcaça atracara. Uma jangada viera buscar os tripulantes. Daí a pouco, desciam a pé enxuto, caminhando em direção aos que estavam na praia a esperá-los.

Foi aí que sucedeu o mais desgraçado dos acasos: porque Isaura estava no Povoado, hospedada na casa de uma família amiga. Dali somente sairia na madrugada de domingo para o casamento, que seria realizado na Igreja, mas só com a presença da família e do procurador de Marcos. Foi assim que começou aquela infeliz cadeia de acontecimentos, com os dois encontrando-se, ali mesmo, na praia.

O povo cercara os viajantes. Todos queriam saber da tempestade: como tinham escapado, quais as avarias sofridas. Dirigiam-se, porém, apenas a Mestre Serafim. Evitavam Fernando, como se o fulgor e a exaltação que o temporal lhe comunicara fizessem dele um ser superior e estranho que, apesar da juventude, imprimisse mais respeito do que o idoso Mestre.

Solitário, assim, no meio da multidão de paroleiros, Fernando afastou-se, caminhando para o barranco que, ali, marcava o limite entre a areia da praia e o barro da terra, coberta de coqueiros, como a de São Joaquim.

Foi aí que avistou Isaura pela primeira vez. Na sua qualidade de estranha ao Povoado,

fora, como ele, deixada à parte pela multidão. Estava de pé, recostada ao tronco de um coqueiro e olhava-o.

Era de uma beleza fora do comum, com olhos claros e um fino cabelo dourado e castanho, de rara qualidade. Era um animal de raça, que olhava para ele como se figurasse uma serena mas perigosa imagem da Beleza, quente e vigorosa mas, ao mesmo tempo, suave e intensamente feminina. Olhava-o como se o rapaz lhe tivesse comunicado alguma coisa de seu fulgor e de sua alegria.

Reconhecera-o imediatamente e viu naquilo um sinal do Destino: faltava somente um dia para a realização do casamento que ia fazer a contragosto; e, neste dia exato, ela reencontrava o homem pelo qual ansiara em segredo por tanto tempo.

Tudo isso se refletiu, então, no modo com que ela correspondeu ao olhar de Fernando. Alheia ao violento desejo que irrompeu em seu sangue, o rapaz sentiu, por sua vez, uma estranha perturbação. Mas não disse qualquer palavra nem esboçou nenhum gesto de aproximação: desviando o olhar, afastou-se em direção ao casario do Povoado.



O Rio

Mestre Serafim arranhou logo acomodação para todos. Os habitantes do Povoado mostraram-se generosos e hospitaleiros e, naquele mesmo dia, à tarde, o mastro começou a ser reparado para que se pudesse prosseguir viagem.

Fernando, possuído pela perturbação em que tombara desde que pusera os olhos sobre Isaura, vagou ao léu pela praia, por entre as casas do Povoado. Enfim, sem ter o que fazer, encaminhou-se para o poente, para os lados da mata de Cajueiros. Pássaros cantavam, insetos zumbiam, e o rapaz embrenhou-se cada vez mais no mato, pois ouvira o som de água corrente, não muito próxima mas inconfundível, e ele gostava muito dos lugares sombreados de árvores e com água correndo.

Logo chegou ao rio. No trecho aonde chegou, os Cajueiros deixavam pender grandes galhos espalhados por sobre o barranco que continha as águas, avançando alguns até o rio.

Sentando-se à beira para olhar as águas, Fernando, num momento em que passeou os olhos pela vegetação, avistou, num dos Cajueiros mais copados, um grande fruto vermelho, que se destacava dos outros, enorme e a cair de maduro. Subiu, então, na árvore e colheu-o.

O gosto do Caju, travoso e refrescante, agradou-lhe — e ele se preparava para descer quando ouviu uma voz de mulher que se aproximava, cantando:

“Quem são os profetas daqui?”

Vocês sabem, mas não querem me dizer!
Que a mulher Deus deixou foi para o homem,
— oítingo, tingo —
sem mulher ninguém pode viver!”

Ouvindo o canto, o rapaz ficou imóvel, à espera; e, depois de alguns instantes, Isaura apareceu no barranco, saindo dentre os Cajueiros. Ela se acolheu à sombra das árvores e ficou olhando a água que corria, como ele mesmo fizera pouco antes.

Seus pensamentos estavam povoados da imagem de Fernando. Desde que o avistara, seu sangue e seu coração tinham criado alma nova. De modo não muito claro, mas indiscutível, estava convencida de que o reencontro viera libertá-la de todo e qualquer compromisso com Marcos e com sua própria família: não fora ela que o provocara e, pelo olhar que tinham trocado, ela tinha certeza de que o rapaz corresponderia a seus sentimentos.

De súbito, como se essa convicção tivesse gerado uma fantasia, ergueu-se, olhou em torno para certificar-se de que estava só, despiu-se e mergulhou no rio.

Fernando ficou deslumbrado. Mesmo que não se tratasse daquela que o impressionara de modo tão vivo na praia, naqueles tempos austeros que então se viviam era aquela a primeira vez que ele via uma mulher jovem e bela inteiramente nua. A moça era de beleza perfeita e entregava-se ao prazer do banho de maneira graciosa e delicada. Por vezes, segurava-se a um galho pendente, erguia-se fora d'água e deixava-se cair de novo, num mergulho cheio de alegria. Vendo essas manifestações de sua natureza tão intensamente feminina, o rapaz estava convencido de que, ainda que vivesse muitos anos, nunca mais em sua vida veria coisa tão bela — beleza terrena e selvagem, tranquila e perturbadora ao mesmo tempo.

Mas aí a moça passou nadando sob o Cajueiro e viu o que julgou ser a sombra, a imagem de um homem refletida n'água. Sem perder tempo em verificar se era ou não verdade, imobilizou-se, alerta e tensa. Depois, com silenciosa rapidez, nadou em direção ao lugar em que deixara suas roupas e subiu para a margem, protegendo-se como pôde com as mãos, de modo que Fernando, desta vez, só a viu de costas. Então, num abrir e fechar de olhos, desapareceu dentro do mato, para onde carregou a roupa e se vestiu, afastando-se rapidamente de volta ao Povoado.

O Sol se poria daí a pouco. Com o coração pulsando, o rapaz deu tempo a que Isaura se afastasse. Quando julgou que isso acontecera, fez uma grande volta na Mata e regressou ao arruado como se tivesse vindo da praia.



A Festa

Como era Sábado de Aleluia, haveria naquela noite uma grande festa no Povoado. Convidaram Fernando e Mestre Serafim para tomarem parte nela. Fernando aceitou logo, na esperança de encontrar Isaura. Mas o Mestre ficou com seus marinheiros, ultimando os reparos do mastro. Era preciso concluir o trabalho, pois tinham de partir pela madrugada para chegar a tempo em São Miguel.

Fernando postou-se sob um grande pé de Tamarindo que existia à saída da rua, e, no escuro, ficou vigiando a chegada das pessoas que acorriam para a festa: do lugar em que se achava, dava para avistar a casa, cheia de gente e profusamente iluminada.

Quando as danças começaram a se animar, viu Isaura que, sozinha, caminhava descuidosamente para a casa. Ela se aproximou, mas, ao que parecia, não desejava entrar logo: sem que as pessoas de dentro percebessem sua chegada, ficou um momento diante de uma janela, observando, de fora, a festa.

Fernando teve a impressão de que ela o procurava e seu coração começou a bater fortemente. Sua convicção aumentou ao ver que uma outra moça, filha do dono da casa, avistara Isaura e viera a seu encontro, tomando-lhe amigavelmente as mãos. Deu para ver que conversavam, mas ele estava longe e não podia ouvir o que diziam. Viu Isaura inclinar a cabeça e dizer qualquer coisa quase que ao ouvido da moça, que não saíra da sala para recebê-la. Ambas sorriram, e a moça da casa voltou-se rapidamente para o pessoal da festa: examinou, assim, a sala e depois fez um gesto negativo com a cabeça.

Um rapaz veio tirá-la, então; ela aquiesceu e saiu dançando, não sem antes encostar delicadamente a mão no ombro de Isaura, num gesto que era, ao mesmo tempo, um pedido de licença e uma despedida momentânea. Somente então, vendo que a moça ficara novamente só, foi que Fernando se animou a sair do lugar em que se achava para encontrá-la.

Seus sentimentos eram contraditórios: receio de ser mal recebido, expectativa, sonho, desejo, loucas esperanças e, naquele momento, uma espécie de ciúme feroz, causado pela intimidade que vira entre as duas moças.

Isaura olhara-o de modo intenso e significativo, na praia. Poderia mesmo, talvez, corresponder a seu interesse, segundo esperava fervorosamente. Mas, teria jamais com ele aquele tipo de relacionamento franco e cheio de serena amizade? Fossem quais fossem os sentimentos dela a seu respeito, seu olhar, na praia, fora o de quem encara um adversário, alguém cuja vitória podia até mesmo ser desejada mas que, nem por isso, deixava de estar no campo oposto.

Além do mais — e ainda que não tivesse consciência clara disto — o rapaz estava perturbado pela suspeita de que a moça o reconheceria, no Rio. Pensaria que ele fora para lá de propósito, a fim de espreitá-la. E mesmo que não pensasse isso, saberia que ele a vira nua, que a desejara e a presença de tal desejo, intensificado por sua nudez e pela solidão do lugar, seria um novo motivo de divisão entre os dois.

Por causa de todas essas dúvidas, ao chegar perto de Isaura, ele se deteve, ainda uma vez, hesitante. Ela se voltou, como se tivesse sido avisada de sua aproximação. No primeiro momento, ofuscada pelas luzes da festa, não pôde vê-lo claramente — o que não a impediu de ter imediata certeza de que era aquele que aguardava.

Fernando, perturbado, tolhido por sua inata timidez, teve que reunir todo o seu valor para falar:

— Você não se importa de me conhecer assim, sem ninguém para nos apresentar? — perguntou a custo; e admirou-se ao ver a moça responder com a maior naturalidade.

— Não, não me importo! — disse ela, sorrindo com uma graça que tornava sua beleza ainda mais perturbadora.

O coração do rapaz pulsou como se um cavalo selvagem galopasse em seu peito, aumentando, terrivelmente, a tensão em que ele se encontrava desde o encontro na praia.

— Não vai entrar? — perguntou ele, para dizer qualquer coisa.

— Vou, sim. Estava somente esperando para tomar coragem.

— Eu também não me sinto à vontade em lugares como este! — disse o rapaz; e acrescentou logo: — Mas estando com você, é diferente!

— É mesmo? É verdade o que você está dizendo? — perguntou Isaura, e Fernando notou que ela ficara feliz com o que ele dissera.

— É verdade, sim. Você dançará comigo?

— Por que não?

— Então venha. Eu estava esperando por você, vim para a festa somente para encontrá-la.

Os dois entraram, e para ambos era como se a vida começasse ali. Para ele, enlaçar o corpo da moça era uma felicidade incomparável. Como era, ao mesmo tempo, suave e forte! Que contraste encantador entre aquela suavidade e o firme vigor com que sua mão e seu braço premiam a espádua do rapaz!

E como sua beleza era, agora, mais misteriosa e cheia de sugestões! À tarde, ele a vira desnudar-se e contemplara livremente seu corpo inocente e selvagem. Mas agora este corpo estava, encoberto por um vestido: estava cingido ao seu, ele o tinha em seus braços, sentia seu aroma e estava embriagado de paixão, com um desejo, um afeto, uma ternura que o comovia.

Isaura, por sua vez, estava se sentindo como presa de uma encantação. Às vezes, a lembrança do ferimento de que ela cuidara surgia-lhe nítida, diante dos olhos. Via Fernando deitado, com os olhos fechados e ela à sua cabeceira. Queria falar com ele sobre o caso, mas um acanhamento indefinível e cheio de pudor lhe cerrava os lábios. Acolhida aos braços dele, parecia-lhe que saía de si mesma, que repousava, afinal, de uma sede eterna. Quando, no abraço de Fernando, sentia uma ternura maior, ficava como que estonteada. Tinha certeza de que, se ele, um dia, a impelisse para fora de seus braços, ela se sentiria para sempre desterrada do lugar que lhe fora predestinado desde toda a eternidade.

A noite passou sem que eles sentissem. Os dois dançavam, paravam para descansar, afastavam-se da sala, mas pouco falavam, como se temessem quebrar o encanto.

Foi assim que, antes que pudessem esclarecer aquela poderosa paixão que surgira entre os dois, a família que hospedava Isaura (e que Fernando julgava ser a sua) veio buscá-la. Como se não se desse conta do que acontecia, o rapaz viu a moça lançar-lhe um interrogativo olhar de despedida e sair da sala.

Imediatamente, os poderes subterrâneos que dormitavam em seu sangue despertaram, ao sentir seu amor ameaçado. Estava resolvido a ver Isaura antes de partir — isto fosse por qual meio fosse. De modo que, antes mesmo de chegar ela em frente da casa onde se hospedava, ele voltou para o pé de Tamarindo, achando que ali podia ficar mais facilmente à espreita.



Uma Noite de Amor

No momento em que Fernando se acolheu à sombra da árvore, Isaura apenas chegara diante da porta de casa. Instintivamente ela voltou a cabeça, avistando assim o rapaz.

Ao entrar em seu quarto, estava obcecada pela imagem dele embaixo do Tamarindo. Deitou-se, mas não podia conciliar o sono. O que lhes sucedera era rememorado em todos os pormenores, ao mesmo tempo em que a lembrança da partida de Fernando, ao amanhecer, torturava-lhe o coração.

Sim, porque a partida dela mesma estava, já, inteiramente fora de qualquer cogitação. Ela não se casaria mais com Marcos: se bem que as providências necessárias para efetivar esta resolução não estivessem claramente formuladas em seu espírito, nem por isso era ela menos definitiva.

Na casa, todos estavam adormecidos e, com a festa acabada, o Povoado permanecia silencioso. Depois, Isaura ouviu vozes de pessoas que passavam. Pelo que diziam, entendeu que eram os tripulantes da Estrela da Manhã, que tinham acabado o serviço e se recolhiam à Barcaça para dormir um pouco antes da viagem.

Depois que suas vozes se afastaram, Isaura levantou-se e abriu a janela. Com isso, não perturbaria o sono dos de casa, pois seu quarto era independente. Ao longe, como uma massa mais escura contra a noite, ela viu o Tamarindo que, àquela hora, talvez Fernando já tivesse abandonado. Até ela chegava a fragrância do grande Jasmineiro que, no jardim, formava um caramanchão. Ela aspirou com delícia aquele perfume e o ar da noite fez-lhe bem.

Então, Isaura viu Fernando, que deixara o Tamarindo e caminhava pelo meio da rua. Seu primeiro movimento foi fugir. Mas julgou que o rapaz não a avistaria em sua janela e, naquele momento, com a perspectiva da separação próxima, era-lhe humanamente impossível deixar de vê-lo pela última vez.

Ela permaneceu à janela, esperando e temendo não ser vista: e pode-se dizer que foi o aroma do Jasmineiro que os perdeu, pois Fernando parou diante da casa para melhor sentir o cheiro e avistou-a.

Antes que a moça pudesse fazer qualquer movimento para fugir-lhe, ele saltou o muro do jardim e, mesmo do lado de fora, tomou-a nos braços.

— Meu amor! — murmurou ele, meio sufocado; e ela, sossegada e feliz, murmurou igualmente:

— Meu amor!

— Quanto sofri, vendo você me deixar na festa sem uma palavra de despedida!

— E você, por acaso, me disse qualquer coisa? Fez alguma coisa para que eu não saísse?

— É verdade, eu devia ter tentado!

— Mas por nada deste mundo, eu deixaria você ir-se embora sem vê-lo ainda que fosse uma vez. Você me ama? — perguntou ela simplesmente; e, vendo a resposta em seus olhos, acrescentou: — Por que não disse, lá, que me amava?

— Tive medo de não ser aceito, porque somente hoje nos conhecemos.

— Eu já conhecia você!

— A mim? De onde?

— De São Miguel.

— Não é possível, eu me lembraria de você. Ninguém pode ver seu rosto e esquecê-lo!

— Você estava delirando, com febre. Fui eu que tratei de você quando foi ferido.

Dentro de casa, alguém mexeu-se na cama e tossiu. Isaura, assustada, baixou ainda mais a VOZ:

— Parece que há alguém acordado! — disse ela.

— Venha, então, aqui para o Jardim!

— Você não me desprezará, se eu for?

— Desprezá-la? Por quê?

— Porque não tenho nenhuma vergonha, nenhum acanhamento diante de você! Você não vai sentir desprezo por mim?

— Não, nunca! Eu seria incapaz de sentir qualquer desprezo por você, meu amor!

— Agora, não! Mas amanhã será a mesma coisa? — indagou ela, e seu coração se confrangeu.

— Amanhã você irá comigo na Barcaça. Nós dois procuraremos um Padre, você se casará comigo e viveremos juntos o resto da vida!

Isaura perguntou a si mesma: “Por que não? Amanhã, ele me levará na Barcaça e nós nos amaremos pelo resto de nossas vidas.” Seu coração, que estava apertado momentos antes,

dilatou-se no peito, e ela saltou a janela, caindo nos braços dele. Fernando beijou-a com ternura e paixão, e os dois, como quem obedece a uma tácita combinação, caminharam para o abrigo do Jasmineiro.

À tarde, ao vê-la no rio, Fernando achara que jamais veria coisa tão bela. Agora, descobria que se enganara ao sentir contra o seu o corpo da moça, sentindo-lhe mais uma vez o aroma, mas tudo de maneira muito diferente do que sentira na festa, porque estavam sós e ela vestia apenas a camisa de dormir — branca, com laços azuis, o que, sem que ele soubesse o motivo, parecia-lhe alguma coisa de comovente e sagrado.

Chegaram ao Jasmineiro e Fernando beijou-a de novo. Quando seus lábios se separaram, Isaura disse, num murmúrio:

— Sinto-me muito feliz, mas, ao mesmo tempo, estou mortalmente triste! Você vai pensar que eu sou uma mulher perdida e não me amará mais!

— Não, juro que não! Você irá comigo no barco e nós nos casaremos amanhã mesmo!

— Estou me esforçando o mais que posso para dizer não, mas não consigo! Desde que, na festa, você me apertou em seus braços, fiquei tonta, como se tivesse tomado vinho! Agora, você me abraçou de novo e não sei mais o que estou fazendo!

As palavras dela eram, na verdade, comoventes, partindo do coração e dos lábios de uma pessoa jovem. Fernando estava emocionado e respondeu com aquilo que, então, ele ainda não sabia ser um voto:

— Eu hei de amar você toda a vida e não quero que se sinta nunca envergonhada comigo!

Porque, de fato, foi assim: ele amou Isaura durante toda sua vida e ela, desde aquele momento, jamais sentiu qualquer vergonha ou acanhamento diante dele.

Os raios da Lua passavam por entre a copa do Jasmineiro, salpicando o chão de manchas prateadas. Para Fernando, era quase inacreditável que tudo o que ele via e acariciava existisse: a harmonia, a graça, a flexibilidade e a maciez que havia nas espáduas dela, sob o tecido fino da camisola; e, imediatamente partindo daí, sob os braços, a pele que se suavizava ainda mais aos poucos, como que para anunciar a bela e firme elevação dos seios; depois, abaixo, a tepidez do ventre plano e arredondado onde morava a grave e perturbadora aspereza de seu velo secreto.

Talvez tenha sido a consciência daquela beleza a causa da compaixão que ele sentiu nascer aos poucos, apesar de todo o seu desejo. De tal modo que, quando chegou o momento, ele recuou, pois estava consciente de que iria machucar e ferir aquela que se entregava com tamanha confiança. Ele parou de acariciá-la e baixou a cabeça. Mas Isaura tomou seu rosto entre as mãos e encarou-o:

— Que foi, meu amor, está triste? — perguntou ela, demonstrando, já, pelo tom da voz, o temor de lhe ter desagradado.

Se Fernando fosse um afetado, um vaidoso qualquer, teria se sentido envergonhado de seus sentimentos, considerados indignos de sua virilidade. Mas ele não era nem vaidoso nem afetado e confessou-lhe tudo o que sentia.

Isaura sentiu-se penetrada de amor e gratidão, pois, apesar de seu desejo, estava um pouco assustada, e as palavras dele afastaram esse temor, enchendo-a de alegria.

— Então, é verdade, você me ama mesmo! — falou ela, como se duvidasse de tanta felicidade ser possível.

E apertou contra si a cabeça do rapaz, acariciando-lhe o peito pela primeira vez. O que ele dissera, a delicadeza que suas palavras permitiam entrever, tinham dado a ela tal sensação de felicidade que, na sua gratidão, só pensava em torná-lo feliz.

Por isso, os temores e ressentimentos que possuem comumente as mulheres em tal ocasião a abandonaram, e, quando ele afinal a possuiu, sentiu prazer, um prazer doloroso mas intenso, o que quase nunca acontece.

E aí, ainda possuídos os dois pela ensonação amorosa, Isaura ouviu a voz de Fernando que dizia:

— Meu amor, minha amada, quanta felicidade você me deu! E ainda nem sequer sei seu nome! Sei que mora em São Miguel, que tratou de mim, salvando a minha vida, e que vai se casar comigo! Mas como é que você se chama?

Deitada, com a cabeça sobre o peito dele, exausta e feliz, ela respondeu:

— Isaura! — e viu o rosto do rapaz se cobrir de uma palidez mortal.

— Virgem Santíssima! — disse ele. — Valei-me, Mãe da Misericórdia! De que família é você?

Isaura, aflita, começou a falar. E, antes mesmo que ela terminasse, Fernando, apavorado, tomava conhecimento de que se ligara por uma paixão irreparável, por um amor terrível e eterno, à mulher a quem seu tio e protetor amava.

— Sou Fernando, sobrinho e filho adotivo de Marcos! — falou ele, mal conseguindo articular as palavras. — Estou de viagem para São Miguel para representar meu tio no casamento e levar você para a casa dele!

Durante alguns momentos, ficaram imóveis, calados, numa angústia mortal. Depois, de repente, Isaura teve piedade dele:

— Meu Deus! — disse ela, atraindo a cabeça de Fernando contra si e acariciando-lhe os cabelos com uma compaixão dolorosa.

E ficaram mudos uma porção de tempo, cerrados ambos em sua angústia, como dois mendigos que, naquele instante, tivessem nascido, já adultos, mas cegos. Ou como se, apesar de tão moços, tivessem recebido, de repente, uma revelação, sobre a natureza da vida, tecida de glória, é verdade, mas também de irrisão, emboscada e embuste.



Tristes Resoluções

Isaura contou, então, a Fernando como seu casamento lhe havia sido imposto por seus pais; como o esperara durante mais de um ano; como se recusara a aceitar Marcos enquanto pudera; e como, por fim, fragilizada pela tristeza e pela solidão, cedera aos pedidos do pai.

Disse-lhe ainda que, em troca de sua concordância, exigira que lhe proporcionassem uma espécie de despedida da existência que tivera até ali: queria passar três meses sozinha, em liberdade, numa Fazenda que seus pais possuíam perto do Povoado.

Eles concordaram, e ela, de natureza ardente e pura, gozara os três meses em absoluta solidão. Pensava nele muitas vezes, e muitas vezes quisera fugir. Mas era muito altiva e, quando chegava o momento, não tinha coragem para faltar à palavra empenhada. Além disso, perguntava-se: “Fugir para onde? Para ir ao encontro de quem, se o homem que quero nem sequer sabe que eu existo?”

Aproximando-se o dia da volta, resolvera aceitar o convite da família amiga e viera para o Povoado, a fim de assistir à festa do Sábado de Aleluia, famosa na região.

— Mas você sabia que ia casar-se! — disse Fernando, censurando-a involuntariamente quando ela acabou seu relato.

— Sabia, meu amor, e peço que me perdoe! Mas desde que vi você, meu casamento com Marcos começou a me parecer como uma provação acima de minhas forças. Eu amava você há muito tempo e achei que sua aparição era um sinal do Céu. Principalmente, quando você me disse que queria se casar comigo. Mas não quero lhe mentir, devo ser sincera: mesmo que

assim não fosse, mesmo sem sua promessa, acho que não teria resistido; porque, desde que me senti abraçada por você, na festa, eu não seria capaz de lhe negar nada! — falou Isaura, com pungente sinceridade.

Fernando arrependeu-se imediatamente:

— Você tem razão, meu amor! A culpa foi minha! Eu é que sou um bruto e ofendi o melhor homem do mundo, pessoa a quem devo tudo!

— Foi sem saber, você não teve culpa! Eu sim, estava de casamento marcado, sabia disso, e me entreguei a você!

— Você não tinha razão nenhuma para ser fiel a Marcos. Eu lhe prometi que nos casaríamos, e você não amava meu tio. Ou não? Você sente amor por Marcos? — perguntou Fernando, de repente, torturado pelo ciúme.

— Não, juro que não! — respondeu Isaura com fervor.

— Marcos é infinitamente melhor do que eu. Comparado com ele, não valho nada, não sou ninguém!

Agora, que já se tinham mutuamente desculpado, Fernando sentia necessidade de se rebaixar perante o tio para se autopunir pelo que lhe fizera. Mas Isaura respondeu ao que ele dissera apenas com uma nova promessa de fidelidade:

— Nunca mais amarei outro homem, somente a você! Se ainda me quiser, não darei importância a mais nada neste mundo — promessa, família, palavra, nada! Estou disposta a segui-lo para onde você mandar!

Comovido, Fernando falou:

— Então, é verdade: você me ama tanto quanto eu a você!

E beijou-a. Logo, porém, acrescentou, desesperado:

— Mas não existe saída para nós! Como poderia eu fazer uma traição destas a Marcos? Ele foi o pai que eu conheci, Isaura! Vim ainda pequeno para a companhia dele, que é a única pessoa da minha família que me resta!

— E o que é que vamos fazer então, Fernando? Você vai me abandonar?

— Não sei, não sei! Não, não posso! Acho que vou voltar daqui para São Joaquim! Chegando lá, conto tudo a Marcos, e ele, que é meu benfeitor e meu pai, nos perdoará e renunciará a você por minha causa!

— Seria a nossa desgraça e a de Marcos também, ele me ama!

— É verdade! Meu Deus, por que uma desgraça como esta haveria de acontecer exatamente a nós dois? Mas, já que aconteceu, não existe outro caminho: é reparar, no que for possível, o mal que fizemos sem querer. Isaura, meu amor, acho que morrerei de desgosto, mas é preciso renunciarmos um ao outro. Não podemos, mais, nos encontrar, sós. De manhã, vou continuar viagem. Daqui até sua casa, terei resolvido o que fazer e lhe direi tudo!

— Vai me levar para São Miguel?

— Vou!

— Então, você quer que eu me case com Marcos! — falou Isaura, começando, somente

agora, a se sentir culpada perante o noivo e cheia de ressentimento contra Fernando.

— Meu amor, não aumente meu desespero! É preciso separar-nos. Não posso fazer uma traição como esta àquele a quem devo tudo. Vou sair, de manhã, para São Miguel e você irá também, por terra, como se nada tivesse acontecido. Chegando lá, é preciso que se confesse, conte tudo ao Padre. Ele absolverá você, e o casamento será realizado! — disse o rapaz pronunciando as últimas palavras de modo quase inaudível, tamanho era seu sofrimento ao se despedir, assim, de seu amor.

Depois, reunindo todas as forças que lhe restavam, disse ainda:

— Marcos vai notar que você já é mulher. E será que o Padre a quem você se confessar vai querer casá-la?

— Dá-se jeito a tudo, neste mundo! — respondeu Isaura em tom sombrio. — Fique descansado, eu me arranjarei, tanto num caso quanto no outro!

De tudo o que fora dito, ela retinha somente que Fernando a estava impelindo para os braços do outro, sacrificando impiedosamente seu amor e faltando à promessa que lhe fizera momentos antes. Por sua vez, Fernando sentiu um choque ante a dureza de suas palavras e o tom com que ela as proferira.

— Você se arranjará? De que modo? O que é que você pensa fazer? — perguntou ele, também se ressentindo contra Isaura.

Ela respondeu à pergunta apenas pela metade:

— No caminho daqui para São Miguel, existe uma pequena Capela, com um Padre morando ao lado. É a ele que vou me confessar. Vou dizer que me entreguei a um homem, mas sem contar em que condições. Ele me absolverá e me dará um papel certificando isso, para que eu o entregue ao Padre, em São Miguel.

Ouvindo isso, Fernando intimamente censurou Isaura por se mostrar tão lúcida, tão friamente prática em tal momento. No que era, mais uma vez, injusto, pois fora ele quem a levava a isso. Ele falou, tentando parecer resignado:

— Adeus, então, Isaura! Peço-lhe que me perdoe!

— Sou eu que lhe devo pedir perdão! Até amanhã, em São Miguel! Estarei lá, como você quer, e Deus que me dê coragem! — acrescentou ela com voz trêmula, e Fernando abraçou-a.

Mas, a sombra que surgira entre os dois permanecia. Além disso, havia outro fato cuja natureza os dois não perceberam logo: o desejo que os ligara desde o primeiro encontro fora, ali, momentaneamente apaziguado, de modo que, por enquanto, era menos difícil tomar resoluções virtuosas. O que não deixa de ser melancólico, por mostrar a diferença que existe entre o que julgamos justo e o que fazemos; entre o orgulho por nossa virtude e a humilhação por nossa insensatez e nossa precariedade.



O Casamento

Fernando partiria antes de nascer o Sol. De sua janela, Isaura viu a *Estrela da Manhã* aprestar-se para a viagem. Viu Mestre Serafim cruzar a rua para chamar Fernando. E viu aquele a quem se ligara para o resto da vida passar ao longe, encaminhando-se para a praia. Viu, finalmente, as velas enfunarem-se ao vento, e a bela Barcaça afastar-se pelo Mar em direção ao Norte.

Como se somente então tivesse encarado a realidade, foi só aí que ela começou seus próprios preparativos de viagem. Despediu-se da família que a convidara e que se tornara, assim, causa involuntária de seus infortúnios.

E tudo se passou como tinham combinado, ela e Fernando. Deteve-se na Capela, confessou-se ao Padre e seguiu viagem, chegando a São Miguel pouco tempo depois de Fernando.

Foi encontrá-lo conversando com seu irmão adotivo, que o reconheceu e ficara muito contente ao saber que ele era sobrinho de Marcos.

E assim, no Domingo da Ressurreição, primeiro dia da Páscoa, cumpriu-se a promessa que Marcos fizera. Poucas palavras trocaram os dois amantes até a cerimônia e, mesmo essas poucas, foram pronunciadas diante de outras pessoas. Suportaram ambos com frieza aparente as apresentações, a ida para a Igreja e a própria solenidade do sacramento.

Tendo Mestre Serafim e os três marinheiros passado o dia anterior inteiramente absorvidos pelo trabalho de reparar o mastro, não tinham tomado conhecimento da moça, de

modo que ninguém veio a saber que ela e Fernando tinham se encontrado. E como, por outro lado, o ressentimento surgido entre os dois perdurasse, acharam nele força e coragem para manter as resoluções tomadas: o casamento se efetuou sem que os outros notassem, nele, qualquer embaraço.

À noite, houve uma pequena celebração para a qual os pais de Isaura convidaram somente familiares e amigos mais próximos. Mas, àquela altura, Isaura e Fernando estavam já exaustos: além de não terem dormido na noite anterior, tinham passado o dia numa tensão dilaceradora, tentando esconder dos outros sua dor e seu desespero. De maneira que, usando como pretexto o cansaço da viagem e a necessidade de enfrentarem a do dia seguinte, evitaram a festa, recolhendo-se cedo.

Passaram a noite, ambos, como normalmente acontece em tais casos: ficaram, primeiro, um tempo enorme deitados, tentando adormecer; mas não conseguiam. Somente pela madrugada sua insônia começou a ser interrompida, aqui e ali, por breves momentos de sono, dos quais, porém, logo despertavam num sofrimento intolerável. Era um sono de febre, um sono que não dava descanso por ser povoado de pesadelos.

Esse sono agitado, febril e descontínuo como fosse, durou, porém, somente até o dia clarear. Os dois levantaram-se como dois sonâmbulos, como se continuassem os pesadelos da madrugada. Mas cada qual passara pela agitação da noite à sua maneira; e os sonhos que os tinham perseguido eram de natureza muito diferente.



A Volta

Ainda pela manhã, empreenderam a viagem que os levaria a São Joaquim.

Fazia um Sol maravilhoso e todo o mundo, em São Miguel, foi assistir à partida da noiva. As velas da *Estrela da Manhã* curvaram-se ao vento contra o céu azul, a âncora foi levantada e com um *Auto de Guerreiros*, dançado na praia ao som de um *Terno de Pifanos*, Isaura e Fernando partiram ao encontro de Marcos.

O Sol dourava as ondas e a branca espuma acariciava os costados da Barcaça. Isaura, no convés, olhava o Mar. Era a primeira vez que assim viajava e jamais vira coisa tão bela, pensava. Coitada! Como tudo lhe parecia mais bonito se Fernando estivesse a seu lado e ela pudesse amá-lo como, oficialmente, estava obrigada a amar o outro!

Sim, porque por mais que ela fizesse para se conformar com aquilo que entendera ser a vontade de Fernando, não o conseguia. Não chegava sequer a acreditar que fosse verdade tudo aquilo que estavam vivendo, aqueles papéis que estavam desempenhando como num Teatro. Sobretudo porque fora Fernando quem a levara à Igreja. Parecia-lhe, agora mais do que nunca que se casara com o sobrinho e não com o tio, aquele Marcos a quem Fernando amava, mas que a ela era profundamente desagradável.

Isaura não dissera isso ao rapaz, mas, na verdade, esses eram seus sentimentos em relação ao tio dele. Afirmara tê-lo aceito como noivo a contragosto, e era verdade. Mas não tinham sido apenas os insistentes pedidos de seu pai que a tinham levado a ceder, e isso ela ocultara a Fernando. Cedera, também, um pouco, à vaidade de se casar com um homem importante e

poderoso. Seus sentimentos eram contraditórios: concordara, por um lado, porque perdera a esperança de reencontrar aquele de quem cuidara; por outro, por não achar melhor partido em São Miguel; e, ainda um pouco, porque as outras moças de lá morriam de inveja por ter sido ela a escolhida.

Aí, enquanto tudo isso abalava a moça no convés, Fernando saiu de seu camarote e aproximou-se dela com o rosto abatido por extrema tristeza. Pela primeira vez, podiam conversar, se bem que abaixando a voz e tomando cuidado, por causa do Mestre e dos marinheiros. Isaura falou primeiro:

— Você está abatido, Fernando, parece triste e mesmo arrependido por causa do que fez! — disse ela, antes que ele tivesse tempo de pronunciar qualquer palavra. — Você tem razão de estar assim, por sua causa é que a nossa sorte chegou a isto!

— Minha sorte é bem mais triste do que a sua! — respondeu o rapaz, e Isaura notou que ele ficara magoado com as palavras dela.

Fernando continuou:

— Hoje mesmo você estará em São Joaquim, como mulher de Marcos e dona de tudo aquilo! Terá seu marido a seu lado e logo será feliz!

— Eu daria tudo o que vai ser meu para que fosse você, em vez de Marcos! Mas você não quis assim e terminou me obrigando a casar com ele!

— O que é que eu podia fazer? Sem que soubesse o que estava fazendo, traí meu benfeitor! Depois que tudo se esclareceu, não existia outro caminho para alguém que não é desleal, como eu! Mas, mesmo deixando isso de lado, no que se refere a nós dois você pode, por acaso, me censurar? Você não fez nenhuma objeção, quando eu lhe disse para casar-se com ele! Pelo contrário: apressou-se em arranjar tudo, como se não desejasse outra coisa! — disse ele, cometendo, aliás, terrível injustiça; e rematou: — Agora mesmo, você se distrai olhando o Mar, enquanto eu estou aqui no maior desespero!

— Fernando, não diga isso! Não fale assim, porque, com sua dureza, com sua injustiça, minha dor se torna insuportável! Eu só tive coragem de fazer o que fiz porque era você quem mandava! E, se agora você está vendo em meu rosto algum sinal de alegria, é porque, enfim, você está falando comigo! Ainda que somente para me dizer palavras cheias de maldade! — disse Isaura, com seus belos olhos cheios de lágrimas.

Num impulso, Fernando ia abraçá-la. Lembrando-se dos outros, recuou e tomou-lhe somente as mãos. Mas, logo soltou-as, desamparado:

— Vou, então, voltar para o camarote, Isaura! Se continuar aqui, vou magoar você de novo e não existe nada que possamos fazer contra o que aconteceu! — falou ele, não só porque sentia que fora realmente uma fatalidade como porque, somente em se tocarem com as mãos, o desejo que sentiam um pelo outro fulminara-os de novo com seu raio, mais violento do que o da véspera.

Mas Isaura não o deixou ir e segurou-lhe as mãos de novo:

— Não vá, não me deixe agora! — implorou ela. — Entenda, Fernando: estou vivendo

num inferno desde nossa despedida, no Povoado, e já estou exausta! Não poderia mais suportar tudo isto sozinha!

— Isaura, meu amor, eu também sofro muito, mas não podemos ficar juntos nem mais um momento aqui! Por mais que resista, vou terminar abraçando e beijando você! Os marinheiros veriam, e Marcos começaria a ser motivo de zombaria para todos!

— Vá então para seu camarote! Você deve ter visto que existe uma porta cravada entre o meu e o seu. Vá lá, e arranque os pregos com cuidado, para que ninguém ouça. Vou me encontrar com você em seu camarote, longe do Mestre e dos marinheiros. Vá, nós dois seremos razoáveis e nada faremos de mal! Mas não me deixe só na viagem, eu não suportaria! É preciso, porém, que não me toque quando a gente estiver lá! — acrescentou expectante e trêmula, voltando o rosto e desviando os olhos, envergonhada pelo que dissera.

Cheio de gratidão, Fernando envolveu a moça num olhar ardente e entrou em seu camarote. Não via mal no que iam fazer, decididos como estavam a não se tocarem de forma alguma. Daí a instantes, ele ouviu a porta do camarote de Isaura abrir-se. Logo depois, o ruído da cama que ela afastara. Aí, arrancou os pregos que cravavam a porta e Isaura veio para junto dele.

Infelizmente, longe dos olhares dos outros, a primeira coisa que ele fez foi abraçá-la e beijá-la, o que deixou Isaura mais uma vez incapaz de qualquer resistência a seu desejo. Abraçado a ela, ele tombou na cama, arrastando-a. E ela, tonta de amor, ouvindo um pedido murmurado por Fernando, concordou em abaixar o vestido para deixar o busto descoberto. Ele começou a beijar-lhe os seios, a princípio com delicadeza infinita, pois era, talvez, esta, a parte de seu corpo que mais o encantava.

Ao fazer isso, garantia a si mesmo que suas carícias não passariam dali. Seus beijos, porém, tornando-se mais ardentes, incendiaram também a moça, levando-a a atrair o corpo dele sobre o seu. E assim, com os sentidos turvados, os dois se possuíram pela segunda vez.

A nova posse acostumou-os mais à transgressão: se bem que se entregassem ainda ao remorso, este foi bem menor do que o da primeira vez. Cada um chamava para si a maior parte da culpa, perdando o outro da ofensa que faziam a Marcos. Em meio às efusões do amor mais ardente, acharam até jeito de atribuir tudo ao Acaso — que, na verdade, desempenhara um terrível papel em sua história. E, para se sentirem um pouco menos culpados, chegavam, mesmo, a dizer e achar que Marcos é que agira mal, deixando de ir buscar a mulher por causa de negócios e adotando aquela singular maneira de casar-se que terminara por jogá-los um nos braços do outro.



A Noite de Núpcias

Chegando a São Joaquim, se de alguma forma pudessem ser distraídos de seus infortúnios, tê-lo-iam sido pela magnificência dos festejos que Marcos preparara para receber Isaura. Mesmo inconsoláveis como estavam, porém, a festa foi um feliz acaso: permitiu que os dois se aturdissem, aliviando um pouco sua dor. Esta assumiu forma diferente nos dois amantes: Isaura, cada vez mais amorosa, enchia-se de compaixão por Fernando, enquanto ele, a cada instante, se tornava mais sombrio e ressentido para com ela.

Pela meia-noite, Isaura tinha conseguido embriagar Marcos, o que fez como planejara e com o maior sangue-frio: achava forças contra ele no seu amor por Fernando. Retiraram-se os dois para o quarto do casal, e lá ela o incitou a beber ainda mais em sua companhia; de modo que, quando a possuiu, ele estava semi-inconsciente e caiu, logo depois, num sono de chumbo.

Assim que Marcos adormeceu, Isaura, que permanecera absolutamente insensível a suas carícias, feriu-se de propósito e de tal modo se houve que a encenação foi perfeita. Mas não devemos julgá-la com severidade por causa disso. Ela não o amava e não tinha outro caminho. Por outro lado, não seremos todos capazes de atos mais frios, ainda?

Além disso, é preciso dizer, em sua honra, que, ao estancar o sangue do ferimento com seus lençóis de desposada, e ver como obtivera êxito na simulação, ela ocultou o rosto entre as mãos e ficou chorando madrugada adentro, de humilhação e desespero.

Quanto a Fernando, ao ver o casal se retirar, tomara o cavalo e galopara sem destino pela estrada para matar o corpo de cansaço e ver se, assim, diminuía a intensidade de sua dor.

Ao amanhecer, estava de volta a São Joaquim, onde passou o dia campeando as reses tresmalhadas — sentindo-se a um tempo perdido e cego, solitário e intratável diante do mundo.



Mentira e Piedade

Finalmente, com o decorrer dos dias, a vida dos três em comum foi se tornando possível. Isaura negava-se o quanto possível a ter relações com Marcos, e ele a respeitava ainda mais por isso, passando a considerá-la como uma mulher delicada e frágil, uma pessoa que, moralmente, era-lhe muitas vezes superior.

Coitado, quanto não sofreria se soubesse como aquela mulher distante e fria era ardente e carinhosa com Fernando! Mas ele o ignorava, de modo que tinha os maiores cuidados até para tocá-la, sentindo-se brutal quando a possuía de modo cada vez mais apaixonado.

O fato, porém, é que as silenciosas recusas de Isaura não se podiam eternizar e às vezes ela se submetia, desgostosa e humilhada. Não se encontrara mais, sozinha, com Fernando que parecia evitar isso de todas as maneiras que lhe era possível.

Morando na mesma casa, porém, tal encontro teria que acontecer, um dia ou outro. Quando sucedeu, o rapaz dirigiu a Isaura as mais amargas exprobações por tudo aquilo que adivinhava, apesar de, no íntimo, saber que a culpa não era dela. Mas a infelicidade tornava-o injusto. Estava magro e abatido apesar de queimado pelo Sol, pois passava a maior parte do tempo fora de casa, procurando de propósito, para atordoar-se, os serviços mais pesados do campo.

Diante do sofrimento, cuja verdadeira causa discernia por trás das palavras amargas de Fernando, Isaura não teve coragem de lhe dizer a verdade: enganou-o, então, afirmando que, provavelmente magoado por sua indiferença, Marcos deixara de procurá-la.

Ao fazer isso, quase não sentiu remorso, pois sabia que estava poupando ao amado um sofrimento maior. Além disso, achava que as palavras enganosas que proferira correspondiam quase que inteiramente à verdade, desde que suas relações com o marido eram muito espaçadas e ela permanecia inteiramente distante e fria enquanto duravam, não traíndo seu amor, nem com o corpo nem com o coração.

Assim, ela procurou tranquilizar Fernando de todos os modos. Entretanto, quanto mais ela persistia em seu propósito, mais ele ficava sombrio.

— A situação é insuportável! — disse Fernando afinal. — Para que serve ficarmos os dois tentando nos enganar? Hoje mesmo vou procurar o Padre José, em Piassabussu. Vou confessar tudo a ele e você deve fazer o mesmo. A desgraça que caiu sobre nós foi grande demais e só vai aumentar, de agora por diante. Principalmente, se continuarmos assim como estamos. Não devemos nos ver nunca mais! Adeus, Isaura!

E antes que ela pudesse detê-lo, afastou-se rapidamente, com a alma perturbada pelo desejo de punir-se, mas de um modo que punisse, ao mesmo tempo, aquela que lhe causava tanto sofrimento.

— Fernando! — chamou ainda Isaura, desesperada.

Ia correr em seu encalço quando viu que Marcos se aproximava, felizmente sem nada ter notado. Dominou-se, então, e, corajosamente, como era de seu feitio, conseguiu ocultar a morte que levava dentro de si durante mais de uma hora, enquanto Marcos desfiava várias considerações sobre as chuvas que tardavam e sobre a colheita ameaçada pela demora.



Heroica Resolução

Saindo dali, Fernando foi procurar o Padre. Este era um velho virtuoso e severo mas, àquela altura, já sabendo ser indulgente, coisa que o tempo se encarregara de lhe ensinar.

Antes de começar, mesmo, a confissão, Fernando, como de amigo a amigo, contou-lhe tudo o que acontecera, pois o velho Padre tinha por ele um afeto paternal. Estranho é que não estendesse tais sentimentos a Marcos, apesar da retidão inatacável que o tio de Fernando em tudo demonstrava.

Quando o rapaz acabou sua história, o Padre tinha uma expressão preocupada:

— O mal está feito — disse ele — e o melhor é não mexer mais em nada. Você está arrependido?

— Estou, muito!

— Entenda bem o que estou lhe perguntando! Quero saber é se está disposto a renunciar a tudo isso, mostrando seu arrependimento por atos e não somente por sentimentos e palavras!

— Estou arrependido de verdade, Padre José!

— Então, venha se confessar!

Fernando ajoelhou-se e, formalmente confessou-se, prometendo com toda sinceridade não mais tocar em Isaura. O Padre absolveu-o, abençoando o penitente e pedindo-lhe que, por seu lado, rezasse também por ele.

Deixando, então, que passassem alguns dias, o Padre foi a São Joaquim. Lá, estando a sós com Isaura, encaminhou habilmente a conversa para o assunto. Depois de contar-lhe as

resoluções de Fernando, obteve também dela uma confissão completa de suas culpas. E retirou-se satisfeito.

Tudo parecia caminhar bem. Mas aconteceu, então, um fato com o qual eles não contavam e que veio a mudar o rumo dos acontecimentos.



Quanto Pode a Virtude

No dia em que tinham tido aquela conversa, da qual resultara a confissão dos dois, Fernando passara o tempo todo repelindo Isaura. A pobre moça procurava agradar-lhe de todas as maneiras possíveis, dando-lhe as maiores provas de seu amor.

Em troca, ele se tornava cada vez mais duro, tendo chegado a lançar-lhe em rosto a habilidade com que ela se houvera para ocultar a Marcos que não fora ele o primeiro a possuí-la.

Quanto mais provas de amor recebia, tanto mais se encarniçava, por um lado, por estar cego de ciúme, por outro, porque, na realidade, talvez soubesse que as juras de amor que ouvia eram sinceras.

Assim, seguro de seu amor e muito menos dotado daquela gentileza que, nas mulheres, envolve sempre de carinho o homem amado, tratou Isaura de modo tal que ela terminou, com razão, por ficar magoada. Amava-o do mesmo jeito, mais ainda, talvez, do que no primeiro dia. Mas, ressentida, pôde achar forças contra ele na sua natural altivez e deixou-o, alguns dias, inteiramente de lado.

A situação inverteu-se imediatamente. À surpresa de Fernando perante o modo frio com que foi recebido após a confissão, logo sucederam a dúvida e o mais terrível dos sofrimentos.

Em poucos dias, todos aqueles sentimentos tornaram-se insuportáveis e ele julgou que ia enlouquecer. Ansiava por uma só palavra das muitas que ela lhe dissera com tanta paixão; uma só, talvez, fosse bastante para amenizar seu sofrimento. Mas Isaura, fortalecida em sua virtude

pelos conselhos do Padre e pela crueldade de Fernando, permanecia obstinada em seu silêncio.

Todos os sentimentos de dever, até ali tão exigentes em Fernando, aniquilaram-se, então, sem deixar rastro. Nada mais lhe parecia digno de estima sobre a terra, a ele que, antes de conhecer Isaura, tanto amava os frutos e as coisas da terra. Só pensava em recuperar o amor que julgava perdido.

Chegou o mês de maio, com tardes frescas e manhãs radiosas e Fernando, tão atento antes a tudo isso, passava diante das árvores, das flores e dos rebanhos como se nada visse.

Marcos percebeu a tristeza do sobrinho e interrogou-o sobre sua causa. O estado de prostração moral de Fernando era tal que ele esteve a ponto de confessar tudo. Uma frase do tio deteve-o, porém. Este, na simplicidade de seu coração, atribuiu a tristeza do rapaz à solidão em que vivia e aconselhou-o sobre a solução para ela:

— Case-se, meu filho! — disse ele. — Faça como eu que hoje sou inteiramente feliz!

Mal ele pronunciara essas palavras, Fernando sentiu um baque no peito, como se seu coração tivesse parado. A frase do tio parecia confirmar a suspeita que ele tentara ignorar, mas que continuava a pungir sua dor como um espinho, segredando-lhe que Isaura lhe mentira e era feliz nos braços do marido. Pela primeira vez, olhou com ódio para Marcos que, sem nada notar, saiu, deixando o sobrinho com seu sofrimento.

Fernando, porém, pôs-se a tocar Isaura que, conforme ele nunca deixara de notar, todo fim de tarde ia passear na mata de Cajueiros. Esperou, então, escondido, que ela passasse e foi surpreendê-la em plena mata.

Ao vê-lo, Isaura foi possuída por violento tremor. Mas nada respondeu, enquanto ele se limitou a repetir as queixas da vez anterior. Somente quando voltou a acusá-la foi que ela se defendeu:

— Por que veio aqui insultar-me? — indagou com dignidade e tristeza, ao mesmo tempo. — É você o mesmo Fernando que me amava e me dizia palavras tão cheias de carinho? Não posso acreditar que seja o mesmo, porque o outro era delicado e bondoso! Tudo fiz para agradar-lhe, amando você mais do que devia e traindo minhas obrigações por sua causa. Até deixar você eu deixei, porque você ordenou que assim eu fizesse! Ai de mim, durante todo esse tempo a única coisa que eu lamentava era não fazer ainda mais por você, mesmo com risco para a salvação da minha alma, como você e o Padre vieram me lembrar! Isso tudo, para receber em troca somente acusações e maldade!

— Você mentiu para mim, e isso eu não posso nem perdoar nem esquecer!

— Eu lhe menti? Quando?

— Meu tio me disse que é inteiramente feliz no casamento. Ele diria isso se, por acaso, não possuísse você?

Triste e humilhada, Isaura baixou a cabeça.

— É verdade, menti! Foi para poupar a você um sofrimento maior. Ele me procura, mas somente quando não tenho a menor condição de negar-me é que atendo a seus desejos! Não me

olhe assim, meu amor! Por que não me mata? Prefiro isso a que você olhe para mim desse jeito! — falou Isaura, chorando.

— Não posso mais acreditar em nada do que você me diz! Meu Deus, que coisa terrível a gente não poder acreditar na pessoa a quem ama!

Isaura imediatamente parou de chorar e indagou, cheia de esperança:

— Então, você ainda me ama?

— Mais do que tudo, infeliz de mim! Mas sofro terrivelmente sabendo que Marcos possui você! É um sofrimento grande demais, não tenho forças para suportá-lo!

— Diga uma só palavra, que eu abandono São Joaquim hoje mesmo!

Fernando, desalentado, deixou cair os braços:

— Não posso! — disse com voz fraca. — Nunca terei coragem para praticar essa maldade com Marcos!

— acredite em mim, então! Pelo amor de Deus! Eu lhe juro por tudo quanto é sagrado, meu amor: o que acontece entre mim e Marcos não significa coisa nenhuma! Nunca significou, nem há de significar daqui por diante. Eu juro isso a você pela salvação da minha alma! Depois que meu corpo foi possuído por você, na Barcaça, só não digo que ele está morto porque, quando, por acaso, toco no seu, ele ainda estremece!

Para fugir à dor e, também, porque seu desejo se exaltara ao ouvir a confissão de Isaura, Fernando abraçou-a, beijando-a com uma paixão em que tudo se fundia — amor, queixas, ciúme, o mais exigente desejo, o mais doloroso sofrimento. E possuíram-se de novo, pela terceira vez, primeira que acontecia embaixo de um Cajueiro.



Uma Dama Virtuosa

Uma nova fase começou então na vida deles, fase de amor clandestino, mas relativamente tranquilo e feliz. Acabou o mês de Maria, entraram por junho e julho, os três que formam o tempo mais belo, quando o ano não é excessivamente chuvoso.

Isaura e Fernando viviam quase que inteiramente sossegados. Ele esquecia os remorsos entre os braços da mulher a quem amava e ela era feliz por ser a felicidade dele. Pela primeira vez, estavam começando a se sentir livres, como se estivessem sós no mundo e fossem donos de suas vidas e de seu amor.

Enganavam-se, porém. Nossas vidas nunca são obscuras ou tão de nossa exclusiva propriedade quanto desejaríamos. E é um erro julgar que ninguém se ocupa de nós pelo simples fato de nos contentarmos em viver nossa vida, deixando em paz a dos outros.

Uma antiga candidata à mão de Marcos e à posse de São Joaquim tornara-se inimiga mortal de Isaura, antes mesmo que a moça viesse de São Miguel. Com a lucidez que lhe era comunicada pela aversão, percebeu, antes de todo mundo, que sua rival vitoriosa amava Fernando. Por outro lado, estando já “na idade em que se resolve renunciar ao mundo porque ele nos volta as costas”, tornara-se uma guardiã da virtude.

Viu então que, no caso, podia, ao mesmo tempo, praticar uma boa ação e vingar-se. Certificou-se de que Isaura enganava o marido com o outro. Descobriu o lugar em que se encontravam. Espalhou em quatro ou cinco casas da Vila sua versão do que estava acontecendo. Disse que sempre esperara algo semelhante, desde que soubera ter Marcos se

apaixonado por uma mulher mais moça do que ele. Que, depois de conhecer Isaura, jamais confiara nela: bastava que se fixasse o olhar no daquela “Inocente” para se notar a alma traiçoeira e dúplice que ali se ocultava.

Finalmente, depois de ter bem solapado o terreno debaixo dos pés da inimiga, foi procurar Marcos, a quem narrou tudo, tendo o cuidado de descer caridosamente aos menores detalhes da paixão que unia sua mulher ao sobrinho.

Marcos, indignado, interrompeu a delatora. Mas não com rapidez que o impedisse de se inteirar de tudo: só conseguiu forças para dominar a tentação, depois de completamente informado.

Olhou, então, para a mulher com expressão terrível, que a recompensou integralmente da rejeição que sofrera por sua parte. Ele a expulsou de casa, proibindo-lhe que voltasse ao assunto onde quer que fosse e ameaçando-a de morte se ela voltasse a pôr os pés em São Joaquim.

A mulher afastou-se, um pouco assustada, mas satisfeita porque deixara Marcos aniquilado. Foi logo visitar sua melhor amiga, também virtuosa. A dama ouviu, deliciada, a revelação de que Marcos, além de alcovitar os amores da mulher, era ainda um ingrato que pagava com ameaças a generosidade daqueles que, para seu bem, tentavam abrir-lhe os olhos.



Um Homem Generoso

Depois que a mulher saiu, Marcos ficou um instante imóvel, pregado ao chão por um estranho amálgama de sentimentos. Destes, os mais presentes eram os de surpresa: um espanto que chegava quase às raias da estupefação e, naturalmente, o desespero, uma dor que permeava tudo, formando uma camada de subsolo profunda e duradoura para que as outras se mantivessem e desenvolvessem.

Ele procurava afastar as suspeitas, afirmando a si mesmo que Isaura e Fernando eram incapazes daquilo. Lembrava-se de que rejeitara a delatora como mulher. Comparava os rostos leais e serenos dos dois amantes com a fisionomia maldosa daquela que os denunciara. E dizia-se, então, que ela inventara tudo somente para vingar-se.

No momento seguinte, porém, passava para o extremo oposto. Julgava que a mulher não só dissera a verdade como ainda fora indulgente, ocultando-lhe os piores detalhes para não aumentar sua dor.

Pouco a pouco, a dúvida foi se tornando intolerável: antes que uma hora se passasse, ele decidira colocar os escrúpulos de lado e apurar tudo.

Desse momento em diante, pôde fugir um pouco à sua dor, planejando a melhor maneira de surpreender os dois amantes. Tornou-se cauteloso e passou a agir com uma dissimulação inteiramente inesperada numa personalidade como a sua. Ao mesmo tempo, parecia-lhe estar vivendo um sonho, um pesadelo.

Na verdade, foi como num sonho que ele espreitou Isaura até que, à tarde, ela saiu para dar

o passeio de sempre; o coração de Marcos estremeceu, quando a viu seguir na direção da mata de Cajueiros, que a mulher lhe indicara como sendo o local dos encontros. E foi ainda como num sonho que ele se armou com um revólver, seguindo no seu encalço.

Ao chegar à mata, porém, parou e, por um instante, pensou em voltar. Talvez fosse um generoso impulso de seu coração, talvez a convicção inconsciente de que, para si, era melhor continuar sem a certeza daquilo que temia. Mas o ciúme e o desejo de saber foram mais fortes: ele continuou a caminhar, adentrando-se com as maiores cautelas pela mata.

Depois de algum tempo, ouviu os passos de Isaura, que caminhava à sua frente. Teve certeza de que, caso a delatora tivesse razão, o lugar do encontro era o Cajueiro grande, uma velha árvore situada quase à beira d'água. Aí, dando tempo a Isaura para chegar primeiro, abandonou a vereda, deu uma volta por dentro do mato e escondeu-se perto do Cajueiro.

Cerca de meia hora depois, viu Fernando, que se aproximava e que, descuidoso, como quem a isto tivesse direito e estivesse habituado, entrou sob a folhagem, por entre a galharia baixa que, em certos lugares, levava até o chão a copa do Cajueiro.

Com o coração disparado dentro do peito, Marcos ergueu-se, aproximou-se pelo lado de fora e olhou por entre os galhos. Por mais que estivesse avisado, o choque foi ainda mais violento do que esperara: sentados no chão limpo e batido e recostados ao tronco, os dois amantes beijavam-se e acariciavam-se, não deixando a menor margem de dúvida a respeito do que a mulher contara.

Marcos puxou o revólver e, engatilhando-o, apontou-o em direção a eles. Mas, de repente, deixou escapar um gemido de dor; e, soltando a arma no chão, saiu correndo, de volta para casa.



A Espada e o Anjo

Isaura e Fernando ouviram o gemido e ergueram-se assustados, ao som dos passos de uma pessoa, que se afastava.

O rapaz correu para o lugar de onde partira o ruído, mas o tio já se embrenhara no mato. Avistou, porém, o revólver. Apanhou-o, reconhecendo imediatamente a arma.

Isaura, que viera se juntar a ele, encontrou-o cabisbaixo e preocupado.

— Quem foi? — perguntou ela.

— Foi Marcos, este é o revólver dele! Certamente nos seguiu. Viu nós dois, deve ter querido matar-nos. Mas arrependeu-se. Deixou cair o revólver e correu.

— Meu Deus! O que é que vamos fazer agora?

— O momento pior já passou! Marcos terminaria por saber, assim foi melhor ter sido logo! Nós dois é que vivíamos enganados, cada um querendo fazer o outro acreditar que era possível continuarmos para sempre do mesmo jeito. Agora, ele nos viu e não me resta outro caminho: vou procurar Marcos! Hei de contar-lhe tudo, colocando-me à sua disposição para que ele faça comigo o que quiser. Vou mostrar que não somos culpados. A mim, acho difícil, mas a você, talvez ele perdoe, quando souber em que condições nós chegamos a lhe fazer tanto mal!

— Não quero um perdão dado somente a mim! Vou, também, falar com ele, agora. Se ele matar você, não quero ficar viva!

— Ele não vai me matar, não era sobre isso que eu estava falando! Se ele tivesse intenção

de matar-nos, a melhor oportunidade teria sido esta, agora!

— Mas não pretendo abandonar você nunca mais! Vamos os dois juntos, Fernando, Deus há de ter misericórdia de nós!

— Dele mais do que de nós, meu amor, porque agora é Marcos quem mais sofre! E é por nossa culpa!

Vagarosamente, numa tristeza mortal, empreenderam juntos o caminho de volta. Marcos parecia esperar os dois em casa. Estava profundamente triste e decepcionado, mas mantinha a fisionomia composta e uma atitude cheia de dignidade. Avistando-os, ergueu-se do banco de madeira onde estava e falou severamente:

— Não quero ouvir explicação de nenhum dos dois, seria muito pior para nós!

Fernando, entretanto, conseguiu que ele o ouvisse:

— Peço-lhe que me ouça um instante, é pouco o que tenho a dizer! Não é um pedido para que nos perdoe; viemos colocar-nos à sua disposição, faça conosco o que quiser! Uma palavra sua e nós dois nos mataremos sem qualquer hesitação de nossa parte! Mas antes eu queria que soubesse que nós nos amamos sem saber quem éramos. Na viagem daqui para São Miguel, houve uma avaria no mastro, como você sabe. A Barcaça teve que ir a terra, e ali, sem que soubéssemos quem éramos, eu conheci Isaura, numa festa. Foi assim que tudo começou. Agora pode fazer conosco o que quiser, estamos dispostos a fazer o que você nos mandar!

— Não me interessa saber como vocês se conheceram, minha decisão está tomada! Vou sair de casa, porque a presença dos dois, agora, é insuportável para mim! Devo estar de volta amanhã, ao meio-dia: não quero mais encontrá-los aqui! Depois de amanhã, qualquer um dos dois que volte a São Joaquim será chicoteado e morto!

Virou-lhes as costas e saiu. Pouco depois, Fernando e Isaura ouviram o galope do cavalo que Marcos mandara arrear e que o levava a Piassabussu. Abraçaram-se em silêncio e começaram os preparativos para cumprir a ordem de expulsão que tinham recebido.



Desterro

Não quiseram levar de São Joaquim senão aquilo que era de seu estrito uso pessoal e recusaram também os cavalos que Marcos mandara arrear para que ficassem à disposição dos dois. Isaura fez questão de deixar sobre a mesa da sala até mesmo sua aliança de casada, conservando consigo, como joia, somente um anel de pedra azul, que trouxera de casa.

Antes mesmo que anoitecesse, saíram, a pé, de São Joaquim. Seu destino era Penedo, onde Fernando esperava encontrar trabalho. Caminharam durante muito tempo na escuridão, até que Isaura se sentiu cansada. Procuraram um lugar em que pudessem fazer pouso, achando, por fim, um velho telheiro abandonado. Ali, passaram o resto da noite, mal acomodados, tristes com o que acontecera a Marcos, mas felizes com seu amor.

Deitados naquele lugar que servira anteriormente para abrigar cocos da chuva, Fernando sentia no braço a cabeça de sua amada, amorosa e cheia de sono. Sua voz encheu-se de compaixão:

— Causei sua perda, meu amor! — disse ele tristemente. — Ainda hoje, pela manhã, você era dona de todas aquelas terras, de todos aqueles rebanhos. Agora não tem mais nada, está tão pobre quanto eu!

Isaura estreitou mais seu corpo contra o dele e disse, num suspiro:

— Pois ao ouvir que Marcos nos expulsava, o único pensamento que tive sobre isso foi que, dali em diante, pertenceria somente a meu amor e nunca mais ele se zangaria comigo!

Era verdade. E como, imediatamente, o sono e o cansaço tivessem desaparecido, ela

demonstrou a sinceridade de seus sentimentos, entregando-se, para que pudessem consumir a posse que, à tarde, Marcos interrompera.

No outro dia, cedo, continuaram caminho, tendo gasto quase todo o dinheiro que Fernando possuía numa venda miserável, onde fizeram a primeira refeição, já perto do meio-dia.

De qualquer modo, ao cair da tarde, tinham chegado a Penedo. Felizmente tiveram menos dificuldade do que esperavam para arranjar pouso. Depois de três ou quatro recusas, uma mulher, dona de um albergue, agradou-se da cara dos dois, que se tinham apresentado como marido e mulher, mas confessando estarem sem dinheiro. Ela concordou em abrigá-los sem pagamento até que Fernando se empregasse.

Infelizmente, isso não sucedeu logo. Só depois de vários dias de humilhação e, quando a generosidade da hospedeira começava já a se impacientar, foi que Fernando passou diante de uma vacaria e pediu emprego: ao ser informado de que o rapaz tinha longo hábito no trato do gado, o dono aceitou-o e tudo começou a melhorar para os dois.



Com o Suor de Seu Rosto

Vários meses se passaram — o período mais duro (e mais feliz) de suas vidas. Moravam no albergue, perto do Rio, em promiscuidade com prostitutas, embarcadiços e soldados; e, depois de pago o aluguel, o que lhes restava do salário de Fernando mal dava para comer. As dificuldades surgiam a cada instante e começaram a interferir na felicidade do casal. Até que, um dia, agravando-se demais a situação, Isaura comunicou timidamente a Fernando que estava para aceitar o convite que uma costureira lhe fizera para ingressar em sua oficina, onde já trabalhavam quatro ou cinco moças, como auxiliares e ajudantes da Mestra.

Mas Fernando se opôs ao projeto, e recusava-se a concordar sempre que Isaura voltava ao assunto. Ela se convenceu de que só havia um meio de forçá-lo a permitir que ela ajudasse na manutenção dos dois: era insinuar que certas roupas melhores estavam fazendo falta à sua vaidade de mulher moça e bonita.

O mais delicadamente que pôde, disse-lhe então que, na oficina da costureira, teria oportunidade de conseguir, com pouca despesa, vestidos menos feios do que aqueles que tinha podido arranjar e remendar até ali. Diante disso, com um terrível sentimento de humilhação, Fernando cedeu.

Entretanto, aquilo que parecia uma vitória de Isaura, era o começo de uma nova, dura e mesquinha batalha. Não houvera propriamente um oferecimento por parte da costureira, como afirmara a moça a Fernando. Ela apenas soubera da existência da oficina e tomara conhecimento de que a dona vagamente falara na possibilidade de admitir mais uma ajudante.

De tal modo, Isaura teve que lutar bravamente pelo emprego. Viu-se obrigada, inclusive, a desbancar outra candidata, o que só foi possível porque era mais hábil e muito mais bonita: ordinariamente essas competições se desenrolam com muito mais ferocidade do que se imagina. O que interessa porém, aqui, é que Isaura venceu e conseguiu o emprego que queria.

Daí em diante, passaram a sair juntos para o trabalho. Por causa das funções de Fernando na vacaria, estavam ambos habituados a se levantar cedo. Isaura preparava o café, tomado no quarto; depois, ele a beijava e saía.

Agora, ela o acompanhava até uma esquina onde o caminho dos dois se bifurcava: dali em diante, só iam se ver novamente à noite, porque todos dois almoçavam no local de trabalho.

Isaura nunca chegou a revelar a Fernando os sofrimentos que passava na oficina, onde era assediada pelo marido da dona. Era impiedosamente explorada e repreendida com severidade. E via-se, ainda, obrigada a suportar a hostilidade das companheiras de trabalho que não lhe perdoavam a superioridade de modos e educação, coisa que ela, por mais que tentasse, não conseguia esconder.

Entretanto, mesmo sem nada ouvir de Isaura, muita coisa era pressentida por Fernando. E era realmente uma tristeza ver aquelas duas pessoas acima do comum gastando-se aos poucos em sofrimentos e privações, cada um procurando suavizar a dor do outro e ambos desprovidos de meios para escaparem à conjuração de fatos que lhes decretavam o infortúnio.

Agora, o momento melhor dos dois era a tarde do domingo, dia no qual Isaura não trabalhava e Fernando tinha permissão para se retirar da vacaria depois de concluídos os trabalhos da manhã.

Numa dessas tardes, estavam os dois deitados em seu quarto, trocando carinhos e palavras descuidosas como de costume. No albergue, a separação entre os aposentos dos hóspedes era precariamente feita por tabiques. No quarto contíguo, tão pequeno e estreito quanto o deles, dormia uma família inteira, de modo que, do lugar em que estavam, ouviam os inumeráveis ruídos que os vizinhos produziam — tosse, queixas, murmúrios, enfim, os sons normalmente emitidos pelo rebanho humano e que são estranhamente parecidos com os dos outros rebanhos.

Fernando, com a cabeça reclinada sobre o colo de Isaura, sentia o calor e o aroma daquele corpo que tanto amava. De repente, ouvindo algumas frases murmuradas no quarto de junto, os olhos deles se cruzaram, risonhos, e ele tomou afetuosamente as mãos de Isaura nas suas, para beijá-las. Eram mãos ao mesmo tempo vigorosas e suaves, profundamente femininas e que, somente pela forma perfeita e oval das unhas anunciavam, nela, a beleza e maciez dos jarretes.

Naquele dia, porém, Fernando teve um choque quando, ao beijá-las, notou como aquelas mãos estavam emagrecidas. A dureza da existência que sua amada padecia por causa dele apareceu-lhe sob uma luz cruel.

Isaura percebeu que ele notara a mudança. Mas entendeu tudo noutra linha: concluía somente que suas belas mãos se tinham enfeado e Fernando estava perdendo a apaixonada admiração que sempre tivera por elas.

Envergonhada, puxou-as do rapaz e tentou escondê-las. Mas Fernando vira, já, os dedos,

tornados ásperos pelas picadas de agulha e dos quais um mal sustentava o anel de pedra azul. No entanto, o que se passava em seu espírito não era o que Isaura julgava. Era, antes, uma terrível sensação de desgosto por sua incapacidade de dar a ela uma vida à altura de sua beleza.

De súbito, o ambiente vulgar e torpe em que viviam, a magreza e palidez de Isaura, tudo aquilo tornou-se duro demais para ele. Seu coração apertou-se no peito, com uma angústia na qual a sensação de culpa tornava a compaixão verdadeiramente insuportável. Silencioso e concentrado em seu desgosto, saiu do albergue, foi para a rua e só voltou altas horas da noite, meio bêbado e já profundamente arrependido pela nova dor que acrescentara aos padecimentos de Isaura.



Almas Sensíveis

A tudo isso, vinha se juntar um fato que iria toldar ainda mais a sorte dos dois amantes: é que o amor humano, qualquer que seja ele, desata o coração dos que amam e, mesmo por vias tortas, aproxima-os de Deus. Era o que estava começando a acontecer a Fernando e Isaura, sem que, no entanto, eles soubessem discernir claramente o que se passava, em segredo, no íntimo um do outro.

Na verdade, aos poucos, ali estava se formando um conflito. E era, para eles, causa de um novo infortúnio que exatamente aquilo que estava ensinando os dois a balbuciar de modo menos superficial o nome de Deus fosse condenado pelos mandamentos. Mas isso é uma coisa mais ou menos comum e que, vez por outra, termina acontecendo com todos nós.

Neles, o conflito tomou, a princípio, a forma de um remorso cada vez mais profundo pelo que tinham feito a Marcos, sentimento este que se exacerbava à lembrança de que ele poupara suas vidas no momento mais agudo de seu ódio e de seu sofrimento. Pungidos por essa recordação, os dois amantes evitavam confessar-se mutuamente seus remorsos, mas sentiam-se, ambos, culpados e infelizes.

Fernando, que era o mais culpado em relação a Marcos, começou a se entregar frequentemente à bebida. Sentia-se embrutecer e seu sentimento de culpa mais ainda se agravava ao se lembrar do que fizera a Isaura. Se ela nunca o tivesse conhecido, poderia, talvez, ter sido feliz com Marcos. Teria começado a amar aquele homem moralmente superior e seria ainda a rica e respeitada dona de São Joaquim, ao invés de viver naquele ambiente

sórdido onde sofria as maiores privações e, o que era pior, os desgostos que agora lhe eram causados por ele, Fernando.

Isaura, por sua vez, era obsedada por ideias e sentimentos parecidos. Muitas vezes dizia a si mesma que Fernando vivia feliz e sossegado com o tio, a quem era absolutamente leal e grato. Fora ela quem os separara para sempre, causando sua desgraça.

Com isso, a situação dos dois amantes ia se tornando cada vez mais dolorosa. Fernando não conseguia fugir a seu desgosto senão pela bebida e começava a apresentar os primeiros sinais de uma ainda longínqua, mas já visível degradação. E diante disso, Isaura acrescentava mais este a todos os seus sofrimentos.

Uma noite, ela sonhou que a Virgem lhe aparecia e, com grande doçura, censurava-a por tudo o que os dois tinham feito. Era de madrugada e, no desgosto do que sonhava, ela começou a chorar.

Fernando acordou com seus soluços. Tomou-a nos braços, despertou-a para dar fim a seu sofrimento e indagou, afinal, qual era a causa de seu choro.

Ainda sob a impressão do que sonhara, ela, num momento de fraqueza, confessou tudo. Os dois abraçaram-se, cada um querendo consolar o outro, pois ele também revelou que seus sentimentos de remorso eram idênticos aos dela. E ficaram ali abraçados até que o Sol nasceu, sentindo-se desamparados e impotentes diante de tudo o que os ameaçava.



Solidão em São Joaquim

Três meses depois da expulsão de Isaura e Fernando, o Padre José foi a São Joaquim procurar Marcos. Falou com ele, a princípio, somente de coisas vagas: mas, depois, achou jeito de encaminhar discretamente a conversa para Fernando. Não tocou no nome de Isaura: provavelmente as queixas de Marcos eram maiores contra ela e o que ele desejava era apaziguá-lo em sua justa cólera.

Marcos primeiro relutou em falar sobre a desgraça que lhe acontecera. Mas já sofrera demais sozinho e, agora, sentia necessidade de alguém que o ouvisse. Assim, fez aos dois amantes as recriminações mais amargas. Falou muito tempo e o Padre, sabiamente, não o contradisse em coisa alguma até que ele esgotasse sua raiva e sua capacidade de sofrimento. Depois, quando falou, foi para afirmar que não se sentia isento de culpa no que acontecera, uma vez que fora sua a sugestão para que Marcos se casasse daquele modo.

Ao dizer isso, o Padre queria desviar a atenção de seu paroquiano para um fato que, não sendo estranho ao caso, permitia, no entanto, a Marcos, um descanso em sua dor. Assim, insistiu na mesma linha, dizendo-lhe que viera a São Joaquim para lhe pedir perdão. Era verdade. Como também era verdade que a sede de perdão era ainda maior porque o Padre não simpatizava com Marcos e julgava-se, por isso, mais em dívida com ele do que com os outros dois.

Ouvindo o pedido de perdão, Marcos falou:

— Nada tenho a lhe perdoar. Deles, sim, recebi uma ofensa que nunca esperava! Uma

ofensa grave que eu nunca perdoarei! — acrescentou ele em tom sombrio.

— Você deve perdoá-los, nem que seja somente dentro de seu coração! A culpa deles é enorme, mas muito do que eles fizeram foi sem que soubessem a gravidade do que estava acontecendo. Eles não se conheciam quando se encontraram, de modo que Fernando não sabia que estava traindo você!

E o Padre, então, contou a Marcos tudo o que Fernando lhe revelara meses antes. O rapaz não lhe narrara os fatos em confissão e ele, por isso, não estava obrigado ao segredo sacramental. O Padre falou dos conflitos e sofrimentos morais que os dois tinham enfrentado assim como das tentativas sinceras que tinham feito para não recair em culpa e reincidir no pecado.

Mesmo em sua cólera, Marcos, apesar de si, foi tocado pelo que ouvira. As palavras do Padre confirmavam as que Fernando lhe dissera naquela terrível tarde, ao voltar do Cajueiro. Mas ele procurou impedir que sua impressão transparecesse. Contentou-se em retrucar:

— Mesmo que tenha sido como o senhor diz, isso apenas diminui a culpa de Fernando. Quanto a Isaura, não. Ela sabia que ia se casar comigo e, mesmo assim, me traiu!

— Ela não amava você, Marcos! — disse o Padre gravemente. — Você devia ter pensado nisso antes de resolver o casamento com os pais dela!

Marcos abaixou a cabeça e o Padre, vendo nisso um sinal de que ele admitia, pela primeira vez, também, um pouco de culpa, continuou:

— Perdoe-me se estou sendo indiscreto!

— Não, não está, de modo nenhum!

— Então, se estou perdoado, é tempo de ir me chegando para casa. Adeus!

— Adeus! Volte quando puder, sua companhia me fez bem. Talvez seja porque ando me sentindo muito só, nestes últimos dias.

Quando o Padre se retirou, Marcos sentia-se com disposição bem melhor: estava mais triste, porém muito menos infeliz do que o fora durante todo aquele tempo.



Tratado de Paz

Fernando e Isaura tinham se confessado seus desgostos numa sexta-feira. No dia seguinte, o rapaz obteve que o dono do estábulo o dispensasse do meio-dia do sábado até a segunda-feira seguinte.

Voltou ao albergue e disse a Isaura que ia se ausentar de Penedo para comprar umas vacas de que o rebanho estava necessitado. E viajou para Piassabussu.

Lá, foi procurar o Padre. Pediu-lhe que servisse de mediador entre Marcos e os dois culpados. Contou-lhe o quanto estavam ambos arrependidos do mal que tinham feito. No momento do erro, ele não sabia que Isaura era a noiva do tio e ela ignorava que ele fosse sobrinho de seu noivo. Por isso, nenhum dos dois pudera ter uma visão exata do mal que estavam fazendo. A menos culpada era Isaura, porque ele, desconhecendo sua identidade, jurara que, logo no dia seguinte, se casaria com ela.

Assim, levando tudo isso em conta, que Marcos os perdoasse e recebesse Isaura de volta. Em troca, ele, Fernando, jurava ao tio que partiria para longe e nunca mais poria os pés no lugar em que Isaura estivesse.

O Padre prontificou-se a cumprir a missão da qual o incumbiam. Naquela mesma tarde, foi a São Joaquim, admirando-se da rapidez com que, depois de ouvi-lo, Marcos se pôs de acordo com tudo. O proprietário de São Joaquim estava ansioso pela reconciliação. Honesto e confiante como era, disse até ao Padre que não via necessidade daquele exílio a que Fernando queria se condenar. Ele poderia continuar morando em São Joaquim, como antes. Somente

deveria ficar noutra casa, para não dar margem a comentários maldosos sobre os três. Quanto ao mais, confiava em absoluto na palavra dos dois: sabia que, depois da promessa, nada mais teria a temer no que se referia à sua honra e à lealdade deles.

Foi somente aí que o Padre passou a ter uma opinião menos injusta a respeito de Marcos. Notou como era generoso e sem malícia, e teve a prova de quanto ele amava a mulher e o filho adotivo. E daí por diante, começou a estimá-lo como ele merecia.

O Padre voltou para casa com a resposta de Marcos, e Fernando regressou imediatamente a Penedo. Antes da viagem, o Padre obtivera dele a promessa de que Isaura seria respeitada desde logo, como mulher de seu tio que era.

Ao chegar, Fernando contou tudo e teve a surpresa de saber que Isaura já tinha adivinhado para onde e com que objetivo ele viajara. A princípio, ela protestou violentamente e disse que se recusava a submeter-se a tamanho sacrifício. Mas Fernando cortou-lhe a palavra:

— Eu estou sentindo tanto quanto você, meu amor! Não sei nem mesmo como vou viver, depois disso! Mas não temos outro caminho. Nós estamos destruindo nossas vidas e a de Marcos, sem nenhum proveito para nós. Se nos separarmos agora, nosso amor se manterá puro e vivo para sempre, coisa que, certamente, não aconteceria se continuássemos juntos, com esta terrível sensação de culpa! E nós dois temos que ser justos, procurando reparar o mal que fizemos a Marcos, que, de sua parte, sofre sem nos ter feito mal nenhum. Porque eu sei que ele ainda ama você! — acrescentou ele, pronunciando estas últimas palavras com dificuldade.

Então, apesar de toda a sua dor, Isaura concordou com o sacrifício, sentindo, porém, uma espécie de frio mortal no coração. Fernando contou-lhe como Marcos depositara neles toda confiança, consentindo que ele continuasse a morar em São Joaquim, apesar de tudo o que sofrera por sua culpa.

Isaura sentiu-se renascer. De todas as palavras de admiração que Fernando alinhara sobre Marcos, retivera apenas aquele fato novo: seu amado continuaria perto dela. Para que tal estado de coisas se mantivesse, estava disposta a tudo, renunciando até a qualquer contato físico com ele, desde que o soubesse por perto e pudesse vê-lo de longe.

Criou alma nova e tudo lhe pareceu menos duro. Ficara combinado entre Fernando e o Padre que os dois iriam pousar em Piassabussu. Assim, depois de se despedirem no estábulo e na oficina de costura, partiram na manhã seguinte, porque, agora, quanto mais rapidamente se passasse tudo, melhor seria para todos.

Entretanto, quando se avistaram as primeiras casas da Vila, não puderam suportar a ideia de que aquele era o último dia em que se viam. Jurando cada um ao outro se manterem daí por diante como se estivessem na presença de Marcos, combinaram ter uma entrevista secreta, à noite, depois que o Padre tivesse adormecido.

Este não os deixou um momento sequer a sós. Agora, Isaura estava sob sua guarda e ele temia que Fernando quebrasse a promessa que lhe fizera.

Mas tudo estava já combinado entre os dois. À tarde, Fernando despediu-se de Isaura e do Padre José, dizendo a ele que voltaria daí a dois dias para saber como ficara tudo resolvido:

se Marcos o receberia, mesmo, em São Joaquim, ou se voltara atrás, caso em que estava disposto a obedecer sem condições.



Entrevista

Ao deixar a casa do Padre, Fernando galopou para fora da Vila. Era já quase noite, mas ele esperou, primeiro que escurecesse; depois, que todos dormissem; e então voltou à casa do Padre para se despedir de Isaura.

Estava firmemente disposto a cumprir o que prometera ao Padre José, não tocando no corpo de Isaura fosse por que modo fosse. Mas quando, atendendo a seu sinal, ela abriu a porta e se aproximou suavemente dele, no Jardim, tudo lhe recordou a primeira vez em que a tivera e suas resoluções caíram por terra.

Foi uma noite de louco amor. Quando se possuíram pela última vez, o dia começava a clarear. Era o momento da despedida e Fernando, desesperado, falou para ela:

— Isaura, meu amor, eu tinha jurado ao Padre que não tocaria mais em seu corpo. Mesmo quando vim para cá, estava resolvido a cumprir o que prometera. Mas é inútil eu jurar isso enquanto estiver perto de você. Basta-me vê-la para esquecer tudo o que jurei. Não podemos continuar desse jeito, traindo Marcos que nos tratou com tanta nobreza. Vou-me embora daqui para sempre, é melhor para todos nós!

— Minha dor é tanta que acredito não poder suportá-la! — disse então Isaura com a maior simplicidade. — Mas você tem razão, meu querido! Você me desejaria, eu desejaria você também, e quantas vezes me pedisse, outras tantas eu me entregaria, ainda que estivesse na presença de Marcos! Sendo assim, não tenho o direito de lhe pedir que fique. Mas tome este anel. Se um dia não suportar mais o sofrimento ou se precisar de sua Isaura, mande-me o anel

de volta e eu irei encontrá-lo, seja qual for a situação em que estiver ou o motivo que levar você a chamar-me!

Tirou, então, do dedo o anel de pedra azul e deu-o a Fernando. Este, por sua vez, deu-lhe um pequeno punhal de cabo de prata que pertencera a sua mãe, fazendo a Isaura promessa igual ao voto que dela ouvira.

Os dois mantiveram-se com relativa coragem até o fim. Mas, ao chegar ao portão, Fernando teve um momento de fraqueza e voltou-se. Viu, então, que Isaura chorava silenciosamente, como uma criança, com a cabeça encostada à janela.

Voltou, apertou-a ainda uma vez nos braços. Isaura quis lhe dizer qualquer coisa — talvez uma despedida, talvez uma bênção. Mas quando ergueu o rosto para falar, Fernando já se afastara e ia saindo pelo portão.

Foi a última vez que ela o viu.



De Novo em Casa

Na tarde daquele dia, Marcos veio buscar Isaura e ficou impressionado com a mudança que sua jovem e bela mulher sofrera. Ela já se confessara ao Padre, narrando-lhe a entrevista noturna e a resolução que haviam tomado. Ao contar como Fernando a deixara, sentia-se como se tivesse morrido naquela hora. Não se podia dizer propriamente que era a dor que a afligia: era mais uma sensação de vazio e de espanto pela perda que sofrera.

O Padre aprovou a decisão e foi avisar Marcos: Fernando, mesmo agradecido pela confiança nele depositada, resolvera mudar-se para que o tio e a mulher pudessem recomeçar tudo em termos menos difíceis.

— Foi melhor assim! — concordou Marcos. — Não por nossa causa! Mas a maldade do mundo é muito grande! — acrescentou; e o Padre viu que ele não ficara inteiramente alheio e imune aos comentários de que tinha sido alvo durante todo aquele tempo.

Pressentiu também quanto ele sofrera e respeitou a dignidade com a qual estava se portando. Demorando-se ali ainda somente o tempo necessário ao decoro, saiu de casa e deixou os dois sós.

Como não podia deixar de acontecer, foram difíceis os primeiros momentos que Marcos e Isaura passaram depois que o Padre saiu. Mas o gênio bondoso dele e a apatia em que ela caíra terminaram facilitando as coisas. Marcos dera ao Padre uma carta destinada a um seu amigo, um exportador de couros que morava em Piranhas, no Sertão, à margem daquele mesmo Rio São Francisco, que banhava Penedo. Na carta, ele pedia ao amigo que empregasse

Fernando.

Quando o Padre voltou para casa, encontrou os dois em situação menos penosa do que ele esperara. Eles lhe agradeceram por tudo o que fizera. Depois, partiram, tendo chegado à noite em São Joaquim.

De tal modo, podia-se dizer que tudo se passara da maneira mais conveniente que era possível. Mas quando, em casa, puderam descansar, cada um notou, também, que seu coração estava despedaçado.

Uma coisa comoveu Isaura: sua aliança estava sobre a mesa da sala, no mesmo lugar em que a deixara. Não sabia se ficara ali ou se fora Marcos quem a repusera, no momento de sair para Piassabussu. Era melhor não indagar. Em silêncio, e escolhendo para isto um momento em que o marido saía da sala, ela a recolocou no dedo.

Sabia que, se chorasse, encontraria algum alívio para a dor que a oprimia. Por outro lado, desejava sinceramente que a generosidade com que Marcos se portava diminuísse um pouco o apaixonado amor que a ligava a Fernando.

Não sentia, porém, pelo generoso marido mais do que uma espécie de morna gratidão. E por mais que se esforçasse, não conseguiu chorar.



Isaura, a das Brancas Mãos

Enfim, tudo passa neste mundo e a vida, aos poucos, começou a se tornar menos intolerável para todos.

Fernando embarcara para Piranhas, onde morava Teodomiro, o amigo a quem Marcos o recomendara. Ali ficou então o pobre rapaz, trabalhando na empresa daquele e sentindo, a cada instante, a morte no coração.

Piranhas era um lugar pequeno, mas a firma tinha negócios bastante movimentados. Fernando vigiava as cargas e descargas, a ordem dos armazéns, o pessoal de serviço.

Quando a lembrança de Isaura doía mais em seu peito, preferia trabalhar ao Sol, carregando fardos de couro como um trabalhador comum. Ria e brincava com os demais, que muito o estimavam, por isso. Mas fazia tudo apenas para se atordoar e de fato sofria muito.

Chegou o Verão, com seu Sol impiedoso e o estio interminável. E quando, afinal, chegou o abençoado tempo da chuva, Fernando fizera amizade com Inaldo, filho de seu patrão. Os dois terminaram ligados por uma amizade firme e forte que se mantinha baseada, principalmente, nas diferenças de temperamento que, neles, eram complementares.

Um dia, Inaldo chamou Fernando para jantar em sua casa, e ele aceitou pela primeira vez o convite que delicadamente recusara em diversas ocasiões anteriores.

Na varanda da casa de Teodomiro, estava uma moça na qual Fernando, a princípio, não reparou direito. Inaldo apresentou-o como um amigo e a moça disse:

— Já conheço, é Fernando! Ele gosta de trabalhar no Rio. Já avistei você por lá muitas

vezes, carregando couro com os trabalhadores!

— É verdade! — concordou Inaldo. — É a primeira vez que vem aqui, é muito orgulhoso!

— Não é orgulho não, é que a casa de vocês é longe! — disse Fernando, sorrindo mas, ao mesmo tempo notando que a moça, ao que parecia de propósito, não se preocupara em esconder o fato de que o destacara no meio dos outros.

Ela, porém, continuou tranquilamente:

— Acho que é orgulho, mesmo! Mas, agora que veio, voltará outras vezes. Sou Isaura, a irmã de seu amigo Inaldo!

Ao ouvir o nome, Fernando sentiu seu coração baquear e foi somente aí que ele verdadeiramente atentou para a moça, que o fixava com olhos risonhos.

Mas, a mão que ele apertou, mão alva e delicada, não se podia comparar com aquela outra, que só se podia definir como, ao mesmo tempo, suave, vigorosa e intensamente feminina. Mão cujo contato ele parecia sentir ainda e que estaria para sempre presente às pulsações de seu sangue e de seu coração.



Duplo Engano

O tempo correu, e Isaura, solitária naquele lugar distante, onde nunca aparecera um rapaz como Fernando, apaixonou-se perdidamente por ele.

O moço, por sua vez, encontrava algum alívio na companhia dela. Por isso, aos poucos, ia se firmando entre os dois uma espécie de namoro, ardente por parte dela, vago e indefinido no que se referia a ele.

Inaldo procurava favorecer o amor da irmã. Tinha algum conhecimento da paixão que perturbara o amigo: Fernando lhe confiara alguma coisa de sua história, mas sem entrar em detalhes sobre os fatos e as pessoas neles envolvidas. Não sabia, entre outros pormenores, que a mulher era casada e muito menos que se tratava da esposa de Marcos.

Num dia em que, à beira-rio, os dois amigos estavam conversando mais confiantemente, Inaldo encaminhou suas palavras sobre o passado amor de Fernando e comentou:

— O melhor é você esquecer essa história e deixar tudo para trás! Não existe esperança nenhuma para você, existe?

Fernando olhou para longe, dirigindo instintivamente os olhos para os lados onde o São Francisco desemboca no Mar, banhando São Joaquim:

— Não, não existe qualquer esperança, a mulher casou-se com outro! — falou ele, desalentado.

— Então, por que não se casa também? Se você continuar nesta tristeza, nesta solidão, ou morre, ou enlouquece!

Na verdade, apesar de nunca mais ter bebido, Fernando estava ainda mais magro do que durante o tempo que passara com Isaura, em Penedo. Inaldo acrescentou, em tom de quem estava brincando:

— Eu não devia falar assim, diante do que está começando a haver entre minha irmã e você. Se ela me ouvisse dizendo estas coisas, era capaz de me matar!

— Não, você está certo, é uma loucura eu ficar assim por causa de uma paixão que, na verdade, desde o começo, não tinha qualquer possibilidade. Mas tenho medo de me casar e, principalmente, com sua irmã. Se eu não esquecer inteiramente a outra, terminarei fazendo a daqui infeliz.

— Creio que você está enganado. Se você gosta de minha irmã, como parece, logo estará esquecido da primeira. Quanto ao mais, acho que nenhum de vocês dois poderia achar um casamento melhor!

Naquele dia, a conversa ficou por aí. Mas tudo terminou por onde havia de terminar: Fernando acabou por ver naquele casamento um refúgio e um alívio para sua dor. E casaram-se no mês de maio, tendo Inaldo como padrinho.

Durante algum tempo, foram mais ou menos felizes. Isaura sentia perfeitamente que, dos dois, era ela quem mais amava. Mas ignorava tudo sobre a velha paixão do marido. Atribuía seu alheamento à singularidade de seu caráter. Mais Fernando lhe parecia distante, mais o amava, o que, de certo modo, servia para compensar a falta de amor da parte dele.

Entretanto, com o passar do tempo, ela começou a experimentar decepção e perplexidade. Adivinhou alguma coisa do que se passava por dentro do marido, pois Fernando sentia apenas, pela mulher, um carinho e um afeto incapazes de se colocarem à altura da paixão dela.

Então, Isaura mudou. Começou a sofrer, como Fernando previra. Mas, agora, a cegueira em que ela vivia até ali passara para ele. Tudo mudara entre os dois e ele julgava que tudo era como dantes em seu casamento, coisa que absolutamente não era verdade.



Uma Voz do Passado

Quatro meses tinham decorrido desde a mudança nos sentimentos de Isaura, quando, um dia, a Estrela da Manhã chegou a Piranhas, comandada por Mestre Serafim. Trazia sal, querosene e açúcar para o Sertão, devendo voltar em poucos dias com uma carga de couros-de-cabra para o Litoral.

Fernando recebeu os tripulantes com as maiores demonstrações de contentamento. Passou o dia fora de casa, sem saber o que fizesse para ser agradável aos visitantes. À noite, porém, sua mulher foi encontrá-lo só, taciturno e mortalmente triste: estava à beira do Rio, olhando a Barcaça onde fora tão feliz com a outra. Ele não se animara a fazer qualquer pergunta sobre Isaura e Marcos. E Mestre Serafim, que agora tinha algum conhecimento da história deles, também mantivera sobre tudo um discreto silêncio.

Com sua intuição feminina, a mulher sentiu imediatamente que, naquela Barcaça e na tristeza de Fernando, havia alguma coisa da qual ela estava excluída. Não sabia exatamente o que era, mas entristeceu também e, quando chegou em casa, estava com um pressentimento de desgraça. Não tinha, nem podia ter, a medida exata do que estava acontecendo ou para acontecer; mas não deixavam de ter motivo os sentimentos de apreensão de que fora possuída a partir do momento em que vira Fernando no cais.

Ocorre que viera, com Mestre Serafim, um comprador de couros, Romão, pessoa invejosa e de gênio maligno que, às vezes, negociava com o proprietário de São Joaquim. Ele detestava Marcos por ser rico e também odiava Fernando por sabê-lo amado por Isaura. Agora, ali em

Piranhas, estava ansioso por ferir o rapaz, porque conhecia a história e Fernando o recebera com uma frieza tanto mais ofensiva porquanto contrastava demais com a alegria que mostrava aos outros.

A ocasião de vingar-se chegou para ele no dia seguinte. Fernando resolvera oferecer, em sua casa, uma festa a seus antigos companheiros.

À noite, na recepção, todos estavam muito contentes. Com exceção de sua mulher: depois do que ela pressentira no dia anterior, nada que se ligasse à Estrela da Manhã poderia agradar-lhe.

Enquanto os pares dançavam, Fernando, Mestre Serafim, Isaura e Inaldo retiraram-se para outra sala e ali ficaram conversando.

Em dado momento, Romão — que Fernando não convidara, mas que viera com Mestre Serafim — aproximou-se deles:

— Você não perguntou notícias de seu tio! — comentou ele, como por acaso; e Mestre Serafim olhou-o, constrangido, sem compreender sua indiscrição.

— É verdade, como vai Marcos? — perguntou Fernando.

Isaura sentiu imediatamente que ali havia alguma coisa grave, porque seu marido se tornara de repente muito pálido. Ouviu o homem responder no mesmo tom zombeteiro com que falara antes:

— Marcos vai bem, feliz e gordo!

Sua voz encheu-se de maldade e ele continuou, fingindo que apenas se explicava aos outros:

— Tem uma alma generosa, o tio de Fernando, e as pessoas como ele são sempre felizes! Dizem que a mulher de Marcos, Isaura, abandonou o marido por outro e ele a recebeu de volta, muito satisfeito!

Mestre Serafim, sério e grave, interrompeu-o:

— Olhe aqui, Romão, o tio de Fernando é meu patrão e meu amigo. Você não tem nada a ver com a vida dele! Isso não é coisa que se diga!

— Por que não? — perguntou Romão.

— Porque você está falando de uma pessoa que lhe é infinitamente superior! Saia de minha casa! — interveio Fernando com voz ameaçadora e surda.

— Fernando, não há motivo para você se zangar, estou somente dizendo o que todo mundo fala em Piassabussu e São Joaquim! — insistiu Romão.

Ele era um homem mau, mas corajoso; e acrescentou, agora visivelmente com intenção, pois queria que todos vissem como reagia à humilhação de ter sido expulso:

— Aliás, eu disse São Joaquim, mas era São Cornélio que eu devia ter dito! Fala-se que o nome da propriedade de Marcos agora é este, é verdade?

Ia acrescentar qualquer coisa, mas Fernando deu-lhe um soco que o derrubou. Romão puxou a faca e desferiu um golpe dirigido ao coração do adversário. Fernando desviou-se, e a

faca o atingiu, cravando-se sob a clavícula.

O agressor correu. Mas antes que chegasse à porta que ligava as duas salas, Fernando, que arrancara a faca do peito, alcançou-o. Com inesperada violência, voltou o inimigo de frente e matou-o.

A cena acontecera com tamanha rapidez que só as pessoas que, no momento, estavam perto da porta, perceberam tudo. Mas, espalhando-se a notícia, todo mundo se retirou.

Na casa, agora, só se ouvia o choro de Isaura. Fernando, que também caíra perto de Romão logo depois de matá-lo, foi levado para sua cama esvaindo-se em sangue.



Conversa Conjugal

A *Estrela da Manhã* só partiria daí a dois dias, de modo que Mestre Serafim, juntamente com Inaldo e Isaura, ficou dando assistência ao ferido.

Fernando passou mal a noite. Durante o dia, chegou a febre e ele começou a delirar. O peito, ao redor do ferimento, cobriu-se de vermelhidão.

Chegou a noite. De madrugada, despertando de seu devaneio, o rapaz chamou:

— Isaura!

Ela não se tinha afastado um instante, sequer, e correu, ansiosa:

— Isaura, acho que vou morrer e queria que você me perdoasse! — disse Fernando, porque se sentia muito culpado em relação a ela.

— Eu, perdoá-lo? Por quê?

Falou assim na esperança de que realmente nada tivesse a perdoar ao marido. Ele, porém, entendeu suas palavras como se ela estivesse dizendo que em hipótese nenhuma havia qualquer condição de perdoá-lo. E avançou, como justificativa:

— Você deve me perdoar, porque meu sofrimento é grande demais!

— Sofrer não é motivo para ninguém se sentir culpado, nada tenho a lhe perdoar!

Sentia-se, porém, profundamente desgraçada, porque estava começando a entender que o sofrimento pelo qual o marido lhe pedia perdão era causado pela outra. Ao mesmo tempo, temia pela vida de Fernando, por quem continuava apaixonada. E falou:

— Fernando, meu amor, não morra! Seria um sofrimento grande demais para mim!

Baixou a cabeça e disse, com voz insegura:

— Eu, sim, é que tenho uma culpa que você deve perdoar!

— O que é?

— É que, num momento como este, desde ontem, só penso em fazer a você uma pergunta que vai preocupá-lo. Mas tudo isto me faz sofrer tanto, que vou fazê-la agora. Se eu perguntar, você me responde com a verdade?

— Respondo, Isaura, pode perguntar!

Como o amava muito e, em seu ciúme, sofria terrivelmente, ela indagou:

— Você ama a mulher de quem Romão falou?

— Amava, sim! — disse Fernando a custo e de modo meio dúbio.

E seus olhos desviaram-se dela, subitamente longínquos e povoados pela recordação da outra.

Isaura notou isto e sentiu um frio no coração. Mas quando falou de novo, foi como se as palavras lhe queimassem a boca:

— Romão disse que ela se chama Isaura. Foi por causa de meu nome que você se casou comigo?

— Não! — respondeu Fernando.

Mas, na mesma hora, envergonhou-se do que vinha fazendo, e ajuntou, lealmente, porque lhe era muito penoso mentir-lhe naquele instante:

— Mas é verdade que foi o nome que me levou a notar você!

Isaura baixou a cabeça e não disse mais nada.



Promessa de Amigo

Ao amanhecer, Fernando piorara. Perto do meio-dia, ele pediu a Isaura e a Mestre Serafim que o deixassem a sós com Inaldo, porque precisava falar com ele.

Os dois atenderam ao pedido e saíram do quarto.

Isaura ficou na sala e Mestre Serafim foi para o Rio, verificar a carga da *Estrela da Manhã*.

Quando se viu só com o amigo, Fernando falou:

— Inaldo, estou sentindo que vou morrer! Pensei que isto fosse acontecer esta noite, mas parece que ainda demora um pouco, de modo que tenho um pedido a lhe fazer. O que estou fazendo é errado, eu não tenho a menor condição nem sequer de lhe falar nisto. Mas a morte dá certos direitos. E como eu vou morrer, tomei coragem para lhe fazer o pedido!

— Diga o que é, Fernando! Se eu tiver condições, vou fazer o que você me pede, seja o que for! — disse Inaldo, comovido.

— Vou dizer! A mulher de quem Romão falou é a mesma que eu amava! Que eu amava, não, que eu ainda amo, mesmo sendo ela casada com meu tio Marcos! Fiz tudo para esquecê-la e não ser infiel nem mesmo em pensamento à sua irmã, mas não consegui. Foi ela quem me deu este anel, prometendo que, no dia em que eu o mandasse de volta, ela viria se encontrar comigo! Agora, estando para morrer, a única coisa que desejo é vê-la pela última vez!

As palavras finais foram ditas muito baixo, porque ele estava enfraquecido pela febre e também se emocionara ao ver a dor que o amigo sentia por não ter como negar sua morte

próxima.

Apesar de ser muito ligado à irmã, Inaldo procurou se portar à altura da confiança que Fernando depositara nele e disse, nobremente:

— Fique descansado! Me dê o anel, eu vou, na Barcaça, entregá-lo!

Ouvindo isso, Fernando reanimou-se um pouco. Tomou a mão do cunhado, apertou-a com gratidão, e disse-lhe, ainda:

— Eu estarei todas as tardes no Alto do Cruzeiro, esperando sua volta na *Estrela da Manhã*. Se Isaura vier com você, mande levantar uma bandeira branca no mastro, para que eu possa avistá-la de longe. Se ela não vier, levante uma bandeira preta! — acrescentou, fechando os olhos e recaindo em seu torpor.

Inaldo retirou-se, com os olhos cheios de lágrimas. Mas Isaura, sua irmã, que, sem ser percebida, passara da sala para um quarto contíguo ao de Fernando, ouvira tudo e estava com o coração dilacerado pela dor, pela cólera e pelo ciúme.



A Bandeira

No dia seguinte, Inaldo partiu com Mestre Serafim, dizendo à irmã que ia a Penedo para buscar um médico que poderia salvar Fernando. Este, animado pela perspectiva de rever Isaura, tinha agora a esperança de resistir até que ela chegasse.

Por isso, depois de fazer seus cálculos, fez com que, apesar dos protestos da mulher, passassem a conduzi-lo todas as tardes, numa maca, para o Alto do Cruzeiro, local de onde se podia avistar qualquer barco que, subindo o Rio, se aproximasse de Piranhas.

A *Estrela da Manhã*, porém, não apareceu nem no primeiro dia nem no outro: pouco antes, Isaura obtivera de Marcos uma licença para visitar os pais e viajara para São Miguel, de modo que, ao chegar em São Joaquim, Inaldo não a encontrou. A sorte foi que, tendo em vista a delicadeza de sua missão, ele permanecera oculto na Barcaça, de modo que Marcos não tomou conhecimento de sua vinda.

Correndo o risco de ser despedido, Mestre Serafim prontificou-se então a levar Inaldo para São Miguel. Sem pedir autorização, e mesmo sem dar a Marcos qualquer aviso ou indicação sobre seu destino, limitou-se a prolongar a viagem pela foz do São Francisco e depois pelo Mar. Velejaram durante todo o dia, chegando a seu destino ao entardecer.

Ao se ver diante de Isaura, duas coisas impressionaram Inaldo: sua beleza e a dor que se estampou em seu rosto quando lhe fez o relato dos acontecimentos, falando-lhe com simplicidade e franqueza sobre a gravidade do estado em que Fernando se encontrava.

Mas ela não chorou, ao ouvi-lo. Mostrou somente quanto era profundo o seu grau de

entendimento com o amante. Mesmo a distância, os dois agiam e pensavam como se fossem uma só pessoa. Tanto assim era que, antes mesmo de Inaldo avançar qualquer coisa neste sentido, ela indagou simplesmente:

— Ele mandou me buscar, não foi?

— Foi sim, quer vê-la pela última vez. Ele me disse que eu lhe entregasse este anel.

Somente então, Isaura não pôde mais se dominar.

Voltou o rosto, chorou um pouco, e disse com um brusco movimento de cabeça:

— Então vamos!

Mas, tendo Mestre Serafim desaconselhado a viagem durante a noite, partiram ao amanhecer. Viajaram durante o dia inteiro, passando ao largo de São Joaquim e pernoitando em Penedo, na própria Barcaça. Aí iniciaram a etapa final da viagem para Piranhas, com uma bandeira muito branca, tremulando no mastro mais alto da *Estrela da Manhã*.



A Chegada

Mas, com os atrasos sofridos, aquele era, já, o sétimo dia a contar do ferimento de Fernando. E, desde a véspera, tinham começado a aparecer, nele, os primeiros sinais de tétano.

Por isso, o doente ficara impossibilitado de ir para o Alto do Cruzeiro, mesmo em maca como fora feito até ali: se bem que não estivesse ainda com os maxilares inteiramente cerrados tivera, já, as primeiras convulsões.

O pior, porém, era que estava, aos poucos, perdendo a esperança de rever Isaura: por suas contas, a *Estrela da Manhã* já devia estar de volta há dois ou três dias. Entretanto, nos intervalos de maior lucidez, ele se obstinava em sua esperança, para não chegar à cruel conclusão de que sua amada descumprira a promessa feita.

Naquele sétimo dia pela manhã, pediu que chamassem o Padre, confessou-se e recebeu a extrema-unção. Depois, tendo melhorado um pouco seu estado, chamou a mulher e disse-lhe, articulando dificultosamente as palavras:

— Isaura, a *Estrela da Manhã* deve chegar a qualquer momento. Atrasou-se por qualquer motivo, mas é impossível que não venha hoje. Tenho a maior confiança no médico que vem de Penedo, tenho certeza de que ele vai me curar. Combinei com Inaldo que, se o médico viesse, eles içariam uma bandeira branca no mastro da Barcaça. Como estou muito fraco, peço que você vá para o Alto do Cruzeiro e venha me avisar assim que avistar a *Estrela da Manhã*!

Isaura sentiu que nunca mais, na vida, iria passar por um sofrimento tão grande quanto

aquele. Mas não teve coragem de desatender ao marido em hora tão grave: saiu para o Alto.

Fernando estava muito mal. Depois do meio-dia, teve uma convulsão. Começou a delirar e, no seu devaneio, chamava por Isaura. Foram buscar sua mulher para vê-lo, mas ela sabia que o marido falava era da outra e seu coração endureceu-se contra os dois.

Pelas quatro horas da tarde, avistou-se a *Estrela da Manhã* e ela correu para avisar Fernando. O doente estava muito mal e, quando avistou Isaura, olhou-a com terrível expressão de ansiedade.

— Isaura — falou ele — já se avista a Barcaça?

— Já! — respondeu a mulher, com o coração batendo no peito com tanta força que ela se sentia sufocada.

— E a bandeira está içada no mastro? — perguntou ainda o marido.

— Está, sim! — disse Isaura; e acrescentou, antes que um bom impulso pudesse detê-la: — Mas não é branca como você disse não, é preta!

— Então não posso mais! — falou Fernando, como se sua dor fosse tanta que ele não pudesse reter a vida por mais tempo.

Seus olhos fecharam-se e ele deixou pender a cabeça.

— Fernando! — gritou sua mulher desesperada e só agora acordando para a gravidade do que fizera. — Fernando, não é verdade! A bandeira é branca!

Mas era tarde. Fernando acabara de morrer.



Derradeira Entrevista

Mal ele expirara, Isaura entrou e a outra, a das brancas mãos, teve um choque ao constatar sua beleza. Como num pesadelo, ela viu a mulher a quem seu marido amava encaminhar-se para ela e falar:

— Peço-lhe que me deixe ver Fernando. Ele está morto e eu vim de longe só para isto!

Tinham sabido dessa morte no momento mesmo do desembarque. Com um aceno de cabeça, concordou com aquilo que lhe pediam. Mas quando viu a rival se encaminhar para perto da cama onde Fernando se encontrava, saiu do quarto.

Os dois amantes ficaram a sós. Isaura descobriu o rosto de seu amado, beijou-o e passeou os olhos pelo aposento, num desespero insuportável. Somente aí notou que a outra os deixara. Então, ajoelhou-se para rezar, pedindo perdão a Deus e à Virgem Santíssima por tudo o que já fizera e pelo que ainda ia fazer.

Acabada a prece, deitou-se ao lado de Fernando e estreitou fortemente ao seu o corpo que tanto amara. Ele não esfriara, ainda. Ela lhe entreabriu a camisa e beijou-lhe o peito, como outrora fizera tantas vezes. Finalmente, como sabia que a doença que o matara era contagiosa e fatal, pegou o pequeno punhal de cabo-de-prata que o amante lhe dera, mergulhou a ponta no ferimento infeccionado e feriu com ela seu próprio e belo peito branco.

Quando vieram retirá-la do quarto, resistiu e tombou sem sentidos. Ao recobrá-los, tremia de febre e não disse mais nada a ninguém, não demorando mais muito tempo para que o tétano se manifestasse.

Fernando foi sepultado sem sua presença. Quando Marcos chegou a Piranhas, em seu encalço, encontrou-a já recebendo os últimos sacramentos. Isaura morreu nos braços do marido, pedindo-lhe perdão pelo muito mal que lhe tinham feito.

Numa terrível confusão de sentimentos descontraídos, Marcos chorava por ela e por Fernando. Ao entardecer, no mesmo quarto e na mesma hora em que o amante morrera, Isaura o seguiu, pedindo para ser enterrada ao lado dele.

Morreram, assim, ainda jovens e tendo conhecido talvez, em seu breve tempo, tudo o que o amor contém de glória e exaltação. Mas também, por causa dessa mesma vida breve, não tendo experimentado nada — ou quase nada — do que ele tem de mesquinhez, humilhação e desgaste.



Viagem Final

Marcos pediu à viúva de Fernando que lhe permitisse cumprir a última vontade de Isaura. Mas ela preferiu que, para isso, se trasladasse o corpo de Fernando para São Joaquim: lá, e não em Piranhas, se cumprisse aquele voto, pois ela não teria forças para saber os dois amantes juntos, sob seus olhos, nem mesmo depois da morte. Talvez conhecesse o “Romance da Peregrina”, aquele no qual uma moça, encontrando o amante casado, tomba morta em seus braços. Assim conta o Romance:

“Peregrina, a peregrina,
andava a peregrinar,
em busca de um cavaleiro
que lhe fugiu, mal pesar!

A um Castelo com torres
pela tarde foi parar.
Sinais certos, que trazia,
no Castelo foi achar:
— ‘Mora aqui o Cavaleiro?
Aqui deve de morar.’

Lá lhe responde uma Dona,
discreta no seu falar:
— ‘O Cavaleiro está fora,
mas não deve de tardar.
Se tem pressa a Peregrina,
já o mandarei chamar.’

Palavras não eram ditas,
o Cavaleiro a chegar:
— ‘Que fazeis aqui, Senhora?
Quem vos trouxe a tal lugar?’
— ‘O amor de um Cavaleiro
por aqui me faz andar
Prometeu-me voltar logo,
nunca mais o vi tornar.
Deixei meu Pai, minha casa,
corri por terra e por Mar,
em busca do Cavaleiro,
sem nunca o poder achar.’
— ‘Negro fadário, Senhora,
que tarde vos fez chegar.
Eu de vosso Pai fugia
que me queria matar!
Passei terras, passei mares,
neste Castelo vim dar.
Antes de um ano e um dia
(vós me fizestes jurar)
outra Dama, outra Donzela,
eu não devia esposar.
Ano e dia se passaram
sem de vós ouvir falar,
com a dona do Castelo
eu ontem me fui casar!’

Palavras não eram ditas,
a Peregrina a expirar.
— ‘Ai penas da minha vida,
ai vida do meu penar!’

Que farei desta lindeza
que em meus braços vem finir?’

Do alto de sua Torre
a Dama estava a raivar:
— ‘Leva a Moça, Cavaleiro!
Joguem a Moça no Mar.’
— ‘Isto eu não farei, Senhora,
que ela é de sangue real
e amou com tanto extremo
a quem lhe foi desleal!
Ah, quem não sabe ser firme,
melhor fora não amar!’

Palavras não eram ditas,
o Cavaleiro a expirar.
Manda a dona do Castelo
que os vão logo a enterrar
em duas covas bem fundas,
perto da beira do Mar.
Da campa do Cavaleiro
nasce um tronco Pinheiral,
e da campa da Princesa,
um cheiroso Laranjal.

Um crescia, outro crescia,
as pontas a se beijar,
com o tronco do Cipreste
abraçado ao Laranjal.
A Dona, que soube disso,
logo os mandava cortar:
um deitava sangue vivo,
o outro, sangue real
De um, nascia uma Pomba,
do outro, um Pombo torquaz.

— Mal haja tanto querer,
e mal haja tanto amar.

Nem na vida, nem na morte,
nunca os posso separar!
Galhos, raízes e folhas
tornavam a rebentar,
uns se enlaçando nos outros,
no Castelo à beira-mar.
E, à noite, a Castelhana
os ouvia suspirar.”

É verdade que também era grande, na jovem viúva, o remorso que sentiria para sempre por causa da frase que dissera ao marido sobre a bandeira. Remorso injustificado, aliás: Fernando morreria de qualquer maneira. Mas ela achava que precipitara o desenlace e que ele morreria desesperado, julgando que sua amada se recusara a vê-lo em seus últimos instantes.

Marcos, então, mandou desenterrar o caixão de Fernando, revestindo-o com pesadas tábuas de cedro. Fez o mesmo com o de Isaura, e embarcou com eles de volta a São Joaquim.

Lá, fosse por generosidade, fosse por uma deformação de caráter que o levava a, de propósito, agravar seu sofrimento, mandou fazer dois túmulos para os amantes sob o Cajueiro.

Ali, pois, no Verão, como sempre, os pássaros cantam, os frutos resplandecem ao Sol, zumbem os insetos e passam as tranquilas reses do gado de que Fernando cuidava. De modo que, sob um Cajueiro e quase à beira d'água, a história de Fernando e Isaura termina como começou. Não vale como exemplo para ninguém, pois, ao que parece, para nada serve esse amontoado de acontecimentos sem sentido ao qual ordinariamente se dá o nome de experiência. Apenas, sagrada e triste, contém ela, em si, a dor, as lágrimas, a exultação e os extravios — enfim, o bem e o mal misturados que implica, necessariamente, toda e qualquer história de homem.

Recife, 19 de julho de 1956.

A história de amor de Fernando e Isaura

Página do autor na Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ariano_Suassuna

Biografia on line do autor

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ariano-suassuna.jhtm>

Entrevista com o autor no Programa do Jô

<http://www.youtube.com/watch?v=HVL9IJ9KjQ>

Página do autor na academia brasileira de letras

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=305>

Página do autor no Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/lista/Ariano+Suassuna/tipo:autor/>

Página do livro no GoodReads

<http://www.goodreads.com/book/show/10039171-a-hist-ria-do-amor-de-fernando-e-isaura>

Perfil do livro no Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/2636-a-historia-do-amor-de-fernando-e-isaura>

Resenha do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2636>

Sinopse do livro

<http://www.sinopsedolivro.com/2008/09/histria-de-amor-de-fernando-e-isaura.html>

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe

ARIANO SUASSUNA — HISTÓRIA PESSOAL SOB FORMA CRONOLÓGICA
ADVERTÊNCIA

São Joaquim
Uma Revelação
Uma Conversa Penosa
A Viagem
O Encontro
O Rio
A Festa
Uma Noite de Amor
Tristes Resoluções
O Casamento
A Volta
A Noite de Núpcias
Mentira e Piedade
Heroica Resolução
Quanto Pode a Virtude
Uma Dama Virtuosa
Um Homem Generoso
A Espada e o Anjo
Desterro
Com o Suor de Seu Rosto
Almas Sensíveis
Solidão em São Joaquim
Tratado de Paz
Entrevista
De Novo em Casa
Isaura, a das Brancas Mãos
Duplo Engano
Uma Voz do Passado
Conversa Conjugal
Promessa de Amigo
A Bandeira

A Chegada

Derradeira Entrevista

Viagem Final

Colofão

Saiba mais